

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
DIRECÇÃO GERAL DE INSTRUÇÃO SECUNDÁRIA, SUPERIOR E ESPECIAL  
1.ª REPARTIÇÃO

---

**BASES**  
PARA A  
**UNIFICAÇÃO DA ORTOGRAFIA**

QUE DEVE SER ADOPTADA NAS  
ESCOLAS E PUBLICAÇÕES OFICIAIS

RELATÓRIO DA COMISSÃO  
NOMEADA POR  
PORTARIA DE 15 DE FEVEREIRO DE 1911  
NOVAMENTE REVISTO PELO RELATOR

**PREÇO 50 RÉIS**



LISBOA  
IMPRESSA NACIONAL

1911

L  
9765

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
DIRECÇÃO GERAL DE INSTRUÇÃO SECUNDÁRIA, SUPERIOR E ESPECIAL  
1.ª REPARTIÇÃO

---

## BASES

PARA A

# UNIFICAÇÃO DA ORTOGRAFIA

QUE DEVE SER ADOPTADA NAS

ESCOLAS E PUBLICAÇÕES OFICIAIS

ad

## RELATÓRIO DA COMISSÃO

NOMBRADA POR

PORTARIA DE 15 DE FEVEREIRO DE 1911

NOVAMENTE REVISTO PELO RELATOR

7



LISBOA  
IMPRESA NACIONAL  
1911

1749.348

1888

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

LIBRARY



1888

19. 11. 1926  
H-F-0926

Imprensa Nacional de Lisboa—Gabinete da Revisão.—  
Ex.<sup>mo</sup> Sr.—Julgo do meu dever chamar a atenção de  
V. Ex.<sup>a</sup> para o que passo a expor.

As publicações saídas da Imprensa Nacional, quer oficiais, quer de particulares, apresentam grafias diferentes, umas discutíveis, outras porém grosseiras e vergonhosas. O próprio *Diário do Governo*, que deveria ter ortografia uniforme, emprega diversas, conforme o capricho de quem envia os originais, geralmente pessoas indoutas.

Tais variedades de grafias trazem para a Imprensa não só descrédito mas também prejuizos pecuniários, porquanto a composição de todos os diplomas saídos no *Diário* tem de transitar para outras publicações periódicas, tais como *Boletins*, *Ordens*, *Separatas*, etc., sofrendo então cada um desses diplomas mais emendas, ao sabor de quem tem de lhes fazer nova revisão.

Tantas emendas, além de estabelecerem confusão no espirito do compositor, avolumam de uma maneira assombrosa a despesa da composição, e impedem a rapidez na impressão pelo muito tempo que se perde a fazer alterações.

Com esta anarquia ortográfica os compositores hesitam e cometem novos erros, e aos revisores se torna também impossível fixar, para cada obra, as divergências de tanta grafia.

Urge, portanto, acabar com este estado de cousas. Fácil me parece o remédio. Se cada qual se tem julgado até aqui com direito a impor a sua maneira de escrever, porque razão o Governo da República não ha de impor também a sua, e no que é seu?

Sujeite, pois, o Governo a uma única ortografia todas as publicações oficiais ou por elle subsidiadas.

E qual deverá ser essa ortografia?

Em meu entender deverá adoptar-se a que no seu livro *A ORTOGRAFIA NACIONAL* preconiza a maior autoridade no assunto, o doutíssimo filólogo Gonçalves Viana. Essa obra tem o aplauso de todos os que modernamente se tem dedicado ao estudo profundo da sciência da linguagem; e a ortografia simplificada defendida naquele livro é já seguida por grande número de professores e escritores de valor, e adoptada em muitos livros escolares, revistas, etc.

Desnecessário se torna, pois, encarecer as vantagens da adopção de um único sistema ortográfico a quem, como V. Ex.<sup>a</sup>, de sobejo as conhece e aprecia. Pelo lado económico tem a Imprensa muito a ganhar. Tampouco é para desprezar o louvor que a V. Ex.<sup>a</sup> caberá por contribuir, com a adopção da ortografia simplificada, para a maior facilidade no ensino da leitura da nossa bela lingua.

Expondo, embora imperfeitamente, a minha opinião acérrica do que julgo ser melhoramento de um dos serviços da Imprensa, confio em que V. Ex.<sup>a</sup> se dignará tomar na devida consideração o alvitre que neste officio ouse apresentar a V. Ex.<sup>a</sup>

Lisboa, 17 de Dezembro de 1910.—Ex.<sup>mo</sup> Sr. Luís Carlos Guedes Derouet, Digníssimo Administrador Geral da Imprensa Nacional.—*José António Dias Coelho*, chefe do serviço da revisão.

Imprensa Nacional de Lisboa—Administração Geral—N.<sup>o</sup> 238.—Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Ex.<sup>a</sup> o officio que recebi do chefe do serviço da revisão, relativamente á necessidade de se adoptar uma ortografia uniforme nos trabalhos desta Imprensa e principalmente no *Diário do Govêrno*.

Estou perfeitamente de acôrdo com as considerações que faz o aludido funcionário, pois que não pode nem deve continuar a anarquia que presentemente existe. Embora o problema ortográfico não se resolva por completo de momento, pelo menos que nos trabalhos officiaes se mantenha a uniformidade.

Chamo para o facto a devida atenção de V. Ex.<sup>a</sup>, certo de que o assunto lhe merecerá toda a solicitude.

Saúde e Fraternidade.

Lisboa, 14 de Janeiro de 1911.—Ex.<sup>mo</sup> Sr. Director Geral da Instrução Secundária, Superior e Especial.—O Administrador Geral, *Luís Derouet*.

Ministério do Interior—Direcção Geral da Instrução Secundária, Superior e Especial.—1.<sup>a</sup> Repartição.—O Governador Provisório da República Portuguesa, atendendo ao que lhe foi representado pelo Administrador Geral da Imprensa Nacional, no sentido de serem tomadas providências tendentes a uniformizar a ortografia oficial, por forma a evitar que nas publicações emanadas daquele estabelecimento do Estado continuem a adoptar-se, paralelamente, as mais desencontradas formas ortográficas;

Conformando-se com o parecer da secção permanente do Conselho Superior de Instrução Pública:

Manda, pelo Ministro do Interior, que seja nomeada uma comissão, composta de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Aniceto dos Reis Gonçalves Viana, António Cândido de Figueiredo, Francisco Adolfo Coelho e José Leite de Vasconcelos, encarregada de fixar as bases da ortografia que deve ser adoptada nas escolas e nos documentos e publicações oficiais, e bem assim de organizar uma lista ou vocabulário das palavras que possam oferecer qualquer dificuldade quanto à maneira como devem ser escritas.

Paços do Governo da República, em 15 de Fevereiro de 1911.—O Ministro do Interior, *António José de Almeida*.

(Diário do Governo n.º 29, de 17 de Fevereiro de 1911).

Ministério do Interior—Direcção Geral da Instrução Secundária, Superior e Especial—1.<sup>a</sup> Repartição.—Manda o Governador Provisório da República Portuguesa, pelo Ministro do Interior, que a comissão encarregada de uniformizar a ortografia oficial, nomeada por portaria de 15 de Fevereiro último, sejam agregados os seguintes vogais: Dr. António José Gonçalves Guimarães, Dr. António Garcia Ribeiro de Vasconcelos, Augusto Epifânio da Silva Dias, Júlio Moreira, José Joaquim Nunes e Manuel Borges Graíña.

Paços do Governo da República, em 16 de Março de 1911.—O Ministro do Interior, *António José de Almeida*.

(Diário do Governo n.º 64, de 20 de Março de 1911).

Ministério do Interior—Direcção Geral da Instrução Secundária, Superior e Especial—1.<sup>a</sup> Repartição.—Conformando-se com o parecer da comissão encarregada, por portaria de 15 de Fevereiro de 1911, de estabelecer as bases

para a unificação da ortografia que deve ser adoptada nas escolas e nos documentos e publicações oficiais:

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro do Interior:

1.º Que o relatório da referida comissão seja publicado no *Diário do Governo*, devendo ser para o futuro adoptada em todas as escolas, e bem assim nos documentos e publicações oficiais, a ortografia proposta pela comissão;

2.º Que se dê a tolerância máxima de três anos, a contar da data da publicação da presente portaria, para a conservação das grafias existentes nos livros didácticos actualmente em uso, a fim de não prejudicar os respectivos autores ou editores;

3.º Que se promova a rápida organização e publicação, pelo preço mais módico possível, de um vocabulário ortográfico e de uma cartilha, especialmente destinada a vulgarizar e exemplificar o sistema de ortografia adoptado;

4.º Que a comissão nomeada por portaria de 15 de Fevereiro de 1911 continue em exercício pelo tempo que se julgar conveniente, a fim de ser ouvida sobre quaisquer dúvidas que se suscitem relativamente à execução da reforma proposta, podendo a referida comissão reunir-se por iniciativa própria, ou convocada pela Direcção Geral da Instrução Secundária, Superior e Especial, por intermédio da qual serão feitas quaisquer reclamações sobre o assunto.

Paços do Governo da República, em 1 de Setembro de 1911.—O Ministro do Interior, *António José de Almeida*.

(*Diário do Governo* n.º 206, de 4 de Setembro de 1911).

Ex.<sup>mo</sup> Sr. MINISTRO DO INTERIOR:

A Comissão, nomeada por portaria de 15 de Fevereiro do corrente ano para fixar as bases da ortografia que deve ser adoptada nas escolas e nos documentos officiaes e outras publicações feitas por conta do Estado, vem hoje apresentar a V. Ex.<sup>a</sup> os resultados do estudo a que procedeu, bem como as decisões que, por grande maioria ou por unanimidade de votos dos individuos que a compõem, entendeu ser oportuno propor, tomando por elementos principais dessas decisões a história da lingua portuguesa, e a da sua escrita tradicional até época muito recente.

Logo na sessão inaugural, celebrada em 15 de Março último, julgou a Comissão que seria vantajoso para a absoluta independência e imparcialidade das suas resoluções, como corpo consultivo, propor a agregação de mais alguns conhecidos filólogos portugueses; e essa conveniência reconheceu-a V. Ex.<sup>a</sup> nomeando, por portaria de 16 do referido mês, além dos individuos já anteriormente nomeados, mais seis; ficando a Comissão composta de onze pessoas, uma das quais, porém, o Professor Augusto Epifanio da Silva Dias, se escusou, declinando o encargo. Ficou assim a Comissão constituída por dez membros, e, em razão de ser par este número, teve o presidente eleito por ela de resolver com voto de desempate algumas questões de secundária importância, em que divergiram as opiniões, expressas depois de discussão por votações diferentes, equivalentes em número.

Quatro dos membros da Comissão, isto é, a Sr.<sup>a</sup> D. Ca-



rolina Michaëlis de Vasconcelos, que a Comissão elegeu Presidente honorária, os Drs. António José Gonçalves Guimarães e António Garcia Ribeiro de Vasconcelos, e o Professor Júlio Moreira, não puderam comparecer às sessões semanais, em razão de residirem longe de Lisboa, localidade em que a Comissão se reuniu: foram porém sempre consultados em todas as questões em que não houve unanimidade de votos por parte dos indivíduos presentes; havendo sido os votos dêsses ausentes tomados em consideração, e dando-se-lhes oportuno conhecimento das resoluções adoptadas pelos membros presentes às sessões, que não foram mais amiudadas, porque outras funções officiais dos membros da Comissão o não permitiram, e assim se explica a relativa morosidade dos seus trabalhos.

Logo nas duas primeiras sessões foi unânime o parecer de, seguindo-se uma tendência já manifestada no espirito público, se simplificarem as grafias correntes, entre si contraditórias, regularizando-as em obediência ao principio capital de simplificação. Por proposta, unânimemente aprovada, do Presidente adoptou-se para base da discussão o Questionário ortográfico em tempos apresentado por um dos seus membros á Academia das Sciências de Lisboa, e pela mesma Academia mandado imprimir na sua tipografia, em 1902, com as respostas do autor dêsse Questionário, em um volume de 183 páginas, cujo título é AS ORTOGRAFIAS PORTUGUESAS. Esta obra foi ao depois reeditada pelo referido autor em outro volume, acrescentada e com maior cópia de abonações e diferente economia de texto, volume que é do conhecimento do público e se intitula ORTOGRAFIA NACIONAL. Teve a Comissão igualmente em atenção o VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO E ORTOÉPICO DA LÍNGUA PORTUGUESA, ainda do mesmo autor, impresso em Lisboa no ano passado, e no qual o sistema ortográfico dêsse autor se encontra larga e minuciosamente exemplificado. Pode êle, com efeito, ser desde já utilizado, emquanto outro se não publique, em que as pequenas alterações, que sofreram os principios em que se baseou, sejam incluídas e atendidas de preferênciam na seqüência alfabética dos vocábulos.

Poucas e de pequena importância relativa foram as modificações que a Comissão entendeu conveniente que se fizessem no sistema ortográfico ali proposto e seguido, e essas foram adoptadas para que êle ficasse mais em harmonia com modos de escrever que, conquanto menos consequentes, se tornaram já, a bem dizer, habituais; e tais

modificações em preceitos, que o autor daquelas obras defendera com razões históricas cuja valia a Comissão reconheceu, tiveram por causa o considerar a Comissão que alguns dêles eram em demasia prematuros, e um ou outro já extemporâneo, em virtude de usos ortográficos radicados e que se não devem considerar absolutamente como erros scientificos.

Teve pois a Comissão em atenção que a estranheza, que poderiam ocasionar no público certas innovações ou renovações gráficas, não viesse prejudicar a aceitação dos demais preceitos, que parecerão a todos exequíveis.

O autor, membro da Comissão, concordou com todas essas modificações, e votou com a maioria da Comissão em todas elas. A primeira espécie pertencem a manutenção do *h* inicial, de *ge*, *gi*, mediais de vocábulos, em concorrência com *je*, *ji*, e todos os valores actuais dados à letra *x*, que o mesmo autor reduzira a dois únicos, o inicial, como em *xadrez*, e o do prefixo *ex* valendo por *eis* ou *is*, como em *expor*, *exército*, etc. Os preceitos da segunda espécie, que, se bem que perfeitamente motivados nas propostas do autor do Questionário, a Comissão julgou já de há muito fora do uso comum, são principalmente o emprêgo de *ç* inicial, e o do *z* final, com o valor actual de *s*, em sílaba átona, que sobretudo figura na última sílaba de muitos nomes patronímicos, como *Gonçalves*, *Núñez*, que presentemente se escrevem *Gonçalves*, *Nunes*, com *-es*, em opposição à sua etimologia, a desinência latina *ici*, de genetivo. Esses nomes e vocábulos, como *ourives*, *simples*, *mesquinho*, continuarão pois a escrever-se com *s* final de sílaba, na ortografia comum.

Entendeu também a Comissão que seria inoportuno suprimir o *s* inicial do grupo *sce*, *sci*, que figura etimologicamente em algumas palavras, tais como *sciência*, *scetro*, *scéptico*, *scelerado*, *scena*, *scisão*, *scisma* e seus derivados e afins, principalmente, com relação ao primeiro dêstes vocábulos, porque no sul de Portugal se profere êsse *s* separado do *c*, em formas compostas, como *presciência*, *consciência*, *insciência*, *côncio*, etc. Comparem-se também *en(s)cenação*, e *proscénio*, com *s* proferido êste último.

¿ Quais são as bases da ortografia portugueza que a Comissão propõe?

Havia, logo desde o início dos trabalhos, dois sistemas a que se attendesse, um dêles a ortografia franceza, que, mais ou menos coerentemente se tem há certo tempo imitado em Portugal; o outro, as ortografias espanhola e ita-

liana, muito mais simples, racionais, lógicas e fáceis de aprender, muito mais conformes com a evolução natural e mesmo literária desses idiomas, em muitos pontos análoga à do português. O que radicalmente diferencia a ortografia desses dois idiomas oficiais, e bem assim as de outros congêneres entre si, com eles e com o nosso, falados quer em Espanha, quer em Itália, é a modificação da ortografia latina dos inúmeros vocábulos gregos romanizados, para outras mais conformes com o valor das letras de tais vocábulos nessas línguas modernas.

Facilitando o ensino da leitura e da escrita, a Comissão julgou que já era tempo de se desterrarem por uma vez da escrita portuguesa, como há muito o estão da espanhola e da italiana, para não mencionar as de outros idiomas mais desviados do latim, os símbolos *ph*, *th*, *rh*, e *y*, por *f*, *t*, *r*, *i*, e o *ch* com o valor de *k*, o qual ficará substituído por *qu* antes de *e*, *i*, e por *c* em qualquer outra situação, como se fêz em castelhano. Com esta simplificação muito ganhará a língua escrita e o seu aprendizado e exercício, pois mais se aproximará da realidade dos factos constantes da sua pronúncia, que aqueles estranhos símbolos disfarçam, e ao mesmo passo se acercará das ortografias espanhola e italiana, consideradas universalmente, e por todos os filólogos, como das mais perfeitas entre as que adoptaram o abecedário romano, e o apropriaram às conveniências nacionais. Com efeito, pode afoutamente dizer-se que a ortografia francesa e as actuais portuguesas que a imitam são escrita de eruditos e para eruditos, ou que presumem sê-lo; as ortografias italiana e espanhola são escrita para todos os indivíduos que nessas nações sabem ler e escrever. Deseja a Comissão que em Portugal aconteça outro tanto, e nesse intuito se inspirem.

Outra simplificação igualmente importante, que a Comissão sugere como absolutamente necessária, consiste na abolição de consoantes dobradas, as quais ficam reduzidas, como em castelhano, a simples, com excepção de *rr*, *ss*, *mm*, *nn* mediais, quando acusem diferença de pronúncia, o que se dá, por exemplo, nos vocábulos *cassa*, *carro*, *emmalar*, *emovelar*, comparados a *casa*, *caro*, *emanar*, *enervar*.

Estas duas simplificações, sós por si, acabam definitivamente com dois dos maiores tropeços com que se encontra estorvada a escrita nacional, e que já poucos defensores conscienciosos, conscientes e autorizados logra-

rão obter. Todos, ou quasi todos os que lêem ou escrevem, aplaudirão de certo estas simplificações há tanto tempo desejadas e sugeridas.

Além da inutilidade prática, e mesmo teórica, que offerece actualmente a duplicação de consoantes na escrita, como *cc, dd, ff, gg, ll, mm, nn, pp, tt*, outro estôrvo apresentam ainda as nossas escritas, relativamente modernas, e consiste êste no emprêgo de *c* ou *p* antes de *t*, formando os grupos *ct, pt*, e ainda *pc, cç*, como em *producto, restricto, corrupto, escripto, assumção, funcção*, etc.; nos quais tanto o *c* como o *p* são de todo inúteis para a pronunciação. A Comissão preceitua que essas letras escusadas desapareçam da escrita portugueza, onde vieram enxertar-se por influéncia estranha. Casos, porém, há, e muitissimos, em que tais consoantes ou são ainda facultativamente proferidas, ou a sua influéncia subsiste no valor das vogais *a, e, o* que as precedem, as quais, em vez de se obscurecerem, como é de regra, nas sílabas antetónicas, conservam os seus valores, relativamente à, è, ò, que tinham quando essas consoantes, hoje mudas, se proferiam. Dêste modo, a Comissão entendeu ser de necessidade a conservação delas, quer quando a vogal, *a, e* ou *o* precedente é átona, quer em vocábulos aparentados, quando é tónica; por exemplo: *directão, directo, acção, activo, acto, tracção, tracto, excepção, exceptuar, excepto, ad-pção, adoptar, adopto*, comparados estes últimos vocábulos com *opção, optar, opto*, em que o *p* se profere. Com esta excepção aos princípios simplificadores que a Comissão observou no sistema ortográfico que propõe, conseguiu não demudar o aspecto de centenas de palavras relativamente modernas, mas de uso constante; e com tanto maior razão o fêz, quanto é certo que em muitas destas palavras as letras *c* e *p* por muitas pessoas são ainda proferidas, tais como *facção, recepção, espectador*, a par de *espe(c)taculo*, etc. Quanto ao *g* que precede *m* ou *n*, ou ainda outras letras; entendeu a Comissão dever eliminá-lo nas palavras em que se não profere, como *assinar, Inácio, aumentar, Madalena*, comparadas com *designar, Agnelo, fragmento*, o que já há quatro séculos Duarte Nunes do Lião aconselhara; só modernamente êle aí foi introduzido, quando se implantaram artificialmente entre nós ortografias servil e inconseqüentemente etimológicas, quasi todas por influéncia da escrita franceza. Outro tanto acontece com *damno, solenne*, que se escreverão, como dantes, *dano, solene*.

Efectivamente, se na leitura de livros estrangeiros houvesse predominado em Portugal a de italianos ou espanhóis, nunca tais complicações ortográficas se haveriam enraizado na escrita literária do idioma pátrio, avêssos a tais arrebiques, e ao qual é de toda a conveniência restituir a simplicidade e coerência da antiga escrita.

Outra feição essencial numa ortografia, que seja, quanto possível, imagem dos fenómenos que se observam na linguagem falada, é a regularização da sua acentuação gráfica, por meio da qual se diferencem palavras que se escrevam com as mesmas letras, mas tenham pronunciação e significação diversas; e ainda que seja por tal modo combinada e aplicada, que nenhuma dúvida possa subsistir com relação a qual seja a sílaba predominante de qualquer palavra ou forma, em idiomas em que, como acontece em português, a acentuação tónica pode afectar uma qualquer das três sílabas finais. Nesta condição é muitíssimo superior à italiana usual a ortografia castelhana, que assinala sistematicamente com o acento agudo (') todos os vocábulos esdrúxulos e todos os terminados em consoante, se a sílaba predominante é a penúltima, ou terminados em vogal, se ela é a última. A Comissão atendeu a essa condição essencial da leitura, e suposto a não preceitue já como obrigatória em todos os casos em que seria necessária, aconselha-a e fixa-lhe as regras que a determinarão, quando rigorosamente empregada, como convirá que o seja em todos os livros de ensino e consulta.

Sabe a Comissão que esta parte da reforma ortográfica será aquela que maiores dificuldades encontrará na sua execução, principalmente a acentuação distintiva de tantíssimos homógrafos, como os que existem em português, muitos mais do que em castelhano, ou mesmo em italiano. Essas distinções obrigarão quem escreve para o público a ser um tanto mais cauteloso na ortografia das palavras, do que usualmente o é na actualidade. Em compensação, porém, o escritor já não terá futilidades etimológicas a respeitar por costume, e o bom ensino da leitura em breve habituará as gerações novas à acentuação rigorosa.

Não foi condescendência com a inércia que imperou no ânimo da Comissão, ao deixar em certo modo facultativo, por enquanto, o uso pontual da acentuação gráfica em todas as suas minúcias, como o é o da castelhana, e com a mais estrita coerência; mas sim o reconhecimento de que as condições naturais do idioma português exigem que essa acentuação gráfica seja muito mais copiosa e diferen-

cial do que o é a castelhana, em si modelar na sua simplicidade. Na realidade, em castelhano não há a diferenciar *e*, *o* fechados de *e*, *o* abertos, o que dispensa o uso do acento circunflexo nesse idioma, no qual não existe o considerável número de homógrafos que se observa em português; e além disto não se dão em castelhano os constantes acidentes de variação de valor em *e*, *o*, que no português se produzem e determinam um sem número de vocabulos entre si diferentes fonéticamente, conquanto nas letras com que se escrevem sejam iguais, e que nenhum ouvido português confundirá, como é conveniente que a escrita os não confunda, tais como *entêrro*, *almôço*, substantivos, e *entêrro*, *almôço*, verbos; *sôbre*, preposição e *sôbre*, verbo; *sêde* e *sêde*; *pêlo* substantivo e *pêlo*, verbo, a par de *pelo* (*p'lu*) contracção de *per lo*, preposição e artigo; *pâra*, preposição, e *pâra*, verbo; *dêmos*, presente, e *dêmos*, pretérito, etc.

Nestes homógrafos, porém, para se evitar acentuação dispensável, o que cumpre é assinalar-se no *e* e no *o* o seu valor de *ê*, *ô*, visto que os nomes destas letras em português se proferem com vogais abertas, *è*, *ò*, devendo pois considerar-se êsse valor como o seu normal quando são tónicas. Por êste motivo, o que convêm em tais homógrafos é marcar-se com o acento circunflexo as vogais fechadas, omitindo-se o acento agudo em *e* e *o* abertos, e escrevendo-se portanto as palavras citadas, e outras análogas, *sôbre* e *sobre*, *almôço* e *almoço*, *entêrro* e *enterro*, *sêde* e *sede*, *pêlo*, *pêlo* e *pelo*, *pâra* e *para*, *dêmos* e *demos*. É necessário que *pêlo*, *pâra*, *pêlo* sejam porém marcados com o acento agudo, pois as contracções *pelo*, *po* (arcaica esta) e a preposição *para* são sempre átonas. A forma da 1.<sup>a</sup> pessoa do plural do pretérito perfeito dos verbos em *-ar*, como *louvámos*, receberá, o que é já uso corrente, o acento agudo, para se diferenciar da do presente, *louvamos*, por isso que o *a* antes de consoante nasal, é normalmente fechado, isto é, proferido *â*, e a distinção se observa em quasi todo o dominio português.

Algumas considerações consagrará ainda a Comissão ao sistema de acentuação gráfica.

Como é já uso estabelecido, o acento agudo (´) é o sinal, por excelência, da sílaba predominante de todo o vocabulo que não seja átono, com excepção de *e*, *o* fechados, que serão, aceitando-se o costume que em português se foi lentamente fixando, assinalados com o acento circunflexo (ˆ). Fixa a Comissão o uso, mais ou menos vagamente

seguido, de marcar com outro acento disponível, o grave (´), as vogais *a, e, o*, abertas, de sílabas pretónicas, quando haja homógrafos a differença entre si. Nesta conformidade escrever-se hão: *à*, contracção de *a* artigo e *a* preposição, de que se differenciará; *àquela*, diferente de *aquela*; *prègar*, diverso de *pregar*; *mòlhada*, e *molhada*, participio feminino de *molhar*. Preceitua pois a Comissão que o acento grave indique o valor alfabético das vogais *a, e, i, o, u* (*â, ê, î, ô, ù*), e dêste preceito se deduzem todas as applicações que dá ao acento grave. Essas outras applicações são as seguintes:

1.<sup>a</sup> Distinguir homógrafos, *aquela, àquela, pregar, prègar*, quando a vogal distintiva seja átona; 2.<sup>a</sup>, marcar as vogaes *a, e, o*, abertas, em palavras que tenham dois acentos tónicos, o último dos quais seja o predominante, como é de regra em português, *chapèuzinho, aròzinha, mãzona*; 3.<sup>a</sup>, dissolver ditongos átonos, *sàmento, paisagem, saúdar*, a par de *sáida, páis, saúde*, em que *i, u* são tónicos; 4.<sup>a</sup>, differenciar o *u* proferido, dos grupos *qu, gu*, do *u* mudo dos mesmos grupos, *fregüente*, comparado a *quente, argüir*, comparado a *seguir*. Quando o *u* passe a ser tónico, o acento grave mudar-se há em agudo; ex.: *argúi*, diferente de *argüi*.

Como a Comissão fixou que a subjunctiva fraca dos ditongos seja sempre escrita com *i, u*, e nunca *e, o*, é inútil o emprêgo de qualquer sinal diacrítico nestas duas letras, para denotar que não formam ditongo com a vogal precedente, como em *moeda, neófito, cooperar*, etc.

A escrita dos ditongos orais será portanto a seguinte, na qual *éi, éu, ói*, com a vogal dominante aberta, se differenciam de *ei, eu, oi*, em que ela é fechada: *âi (âi, âi), éi, éi, ói, oi, ui, au, éu, eu, ou, iu*, do que são exemplos estes vocábulos: *pai, cair, réis, reis, sóis, sois* (verbo), *fui, pau, céu, seu, riu, levou*. Preferiu-se acentuar as vogais abertas de *éi, éu, ói*, visto serem elas sempre tónicas; esse acento mudar-se há no grave, quando acidentalmente elas sejam em certo modo átonas, como em *vèuzinho, painèuzinhos, heròicidade*. Os dois valores da escrita *ai (âi e âi)* como em *ensaio, ensaiar*, é desnecessário accusá-los, por isso que o ditongo *âi* átono só se manifesta antes de vogal, pois quando tónico se escreve *éi*.

No Formulário de regras de ortografia, que a Comissão submete à apreciação do Govêrno, ficarão consignados os principais preceitos da acentuação escrita, que se encontram postos em prática no VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO, a

que já se referiu, e completamente expostos de páginas 155 a 200 da ORTOGRAFIA NACIONAL, também já citada, a qual tem um copiosíssimo índice alfabético e remissivo, que facilita a sua consulta nos casos duvidosos. Exemplos rigorosos dêste sistema de acentuação oferece-os igualmente todo êste relatório, bem como de toda a ortografia que se propõe.

Aludiu agora mesmo a Comissão à distinção, que é metter deixar retratada na escrita, entre *e* e *o* fechados e *e* e *o* abertos, quando entre si distinguem inúmeras palavras e formas gramaticais. Outra não menor dificuldade oferece a língua portuguesa, comparada às suas congéneres: é a atonia de certas vogais, que adquirem timbres especiais, e *lhe* é peculiar, só tendo paralelo na catalã, e em muito menor grau, e de certo modo, na francesa e na provençal moderna, mas em qualquer delas sujeita a menor número de excepções. Neste ponto é o português só comparável, ainda que vagamente, ao inglês. Com efeito, ao *a* tónico, geralmente proferido *à*, corresponde um *a* átono, quasi sempre surdo, *â*; ao *ò* ou *ô* tónicos, um *o* que se profere como *u* na grande maioria dos casos; ao *è* ou *ê*, um *e* surdo átono, mais ou menos perceptível na pronúncia, conforme os sons com que está em contacto e *lhe* influem no timbre. Se êsse *e* átono é seguido de vogal, ou é inicial de vocábulo, vale por *i*, ex.: *veado*, *evitar*; se se *lhe* segue consoante palatal, *ch*, *x*, *j*, *s*, *lh*, *nh*, equivale a *i* surdo, e com êste se confunde no falar usual e desafectado. Comparem-se, com efeito, entre si vocabulos tais como *ferro*, *ferreiro*; *grêlo*, *grelar*; *fecho*, *fechar*; *cereja*, *cerejeira*; *telha*, *telhado*; *desenho*, *desenhar*; *pesca*, *pescar*, e *pisco*, *piscar*; *esteira* e *história*; *testar* e *distar*; *distinto*, de *distinguir*, e *destinto* de *destingir*; atente-se igualmente na pronúncia do vocábulo *privilegiado*, que é *preveligiado*, muitas vezes erroneamente assim escrito, e ver-se há quanto é difficil a nossa escrita.

Por outra parte, e o último vocábulo o comprova, numa seqüência de sílabas, todas as quais tenham *i* por vogal antes da predominante, êsse *i* escrito, quando átono, profere-se quasi sempre como *e* surdo, em pronúncia desafectada. Há excepções que as gramáticas devem explicar.

Desta série de fenómenos, que tornam o português o mais delicado e interessante dos idiomas neo-latinos, originam-se constantes erros e hesitações na sua escrita, a que não é possível obviar, a não ser por uma transcrição absolutamente fonética, a qual reproduza fielmente todos



esses accidentes, e que seria inadmissível em ortografia corrente e usual, pois sómente um ouvido exercitado e um tirocinio especial a poderiam aplicar.

Não se pense, portanto, que a fixação de uma ortografia regularizada e simplificada possa remover todas as dificuldades, sem um sufficiente preparo gramatical, em que a derivação e formação das palavras, e os resultantes accidentes na variação dos sons que as compõem, conforme a sua situação, hajam sido estudados.

A consulta oportuna de um vocabulário, como o já indicado, feito em harmonia com os preceitos estabelecidos, será também indispensável, não só em razão do emprêgo de *o* ou *u* e também *e* ou *i* átonos, quer antes de consoante, quer antes de vogal, mas ainda com relação ao uso de *ç* ou *ss* mediais, de *ce*, *ci*, *s(s)e*, *s(s)i*, *z* ou *s* entre vogais, e quando finais, e em menor escala o de *ch* e *x*, de *ge*, *gi*, ou *je*, *ji*.

O VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO indicado remove todas as dúvidas, visto encontrar-se nele a etimologia dos vocábulos, quando necessária a essas distinções ortográficas, a comparação vocabular e formal com a ortografia denominada etimológica, e a conjugação dos verbos, exemplificada em todas as suas diferentes modalidades. É um livro que se pode considerar adequado ao periodo de transição, que há-de decorrer antes que se vulgarize a ortografia regularizada official.

A Comissão não hesitou, respeitando a história do idioma pátrio, as suas origens e a sua evolução no tempo e no espaço, em conservar a distinção gráfica entre *ç* e *s(s)*, entre *z* e *s* mediais, pôsto que nenhuma diferença se observe já na sua pronúncia do Mondego para o sul, e a distinção se vá obliterando cada vez mais nos centros urbanos das provincias do norte.

A diferenciação gráfica, conforme a sua origem, entre *se*, *si*, e *ce*, *ci*, iniciais, entre *ç* e *ss* mediais, bem como a que ainda dialectalmente subsiste entre *z* e *s* intervocálicos, ou *x* e *ch*, ou *ô* e *ou*, pertencem à história da lingua, e a Comissão conserva-as, regulando-as com o maior rigor; pois ficaria em contradicção com essa história se, o que fôra relativamente fácil, optasse por escrever sempre *z* entre vogais, e sempre *s* em finais de vocábulos; porque não seria licito, nem ninguém lhe aceitaria, substituir *ce*, *ci*, *ç*, por *s* ou *ss*, em milhares de vocábulos e formas, que sempre se tem conservado diferentes na sua escrita, e com bons fundamentos.

Neste pressuposto, prescreve que *ce*, *ci*, *ç*, ou *z* final de vocábulos correspondam a *ci*, *ti* latinos, a *ss* arábicos; e *s*, *ss* a *s* ou *ss* latinos; e, por outra parte, que *z* corresponda a *z*, ou *ce* ou *ci*, *ti* latinos, ou a *zz* arábicos; *s* entre vogais, ou final, a *s* latino. Nos vocábulos de origem americana indígena *ce*, *ci*, *ç* são preferíveis a *s*, seguindo-se nisso a escrita tradicional. Para quem não esteja preparado com umas noções, rudimentares que sejam, de latim, a consulta ao VOCABULÁRIO é indispensável em casos duvidosos, e muitas vezes é conveniente a comparação com as correspondentes formas ou palavras castelhanas, pois no idioma do centro de Espanha a confusão entre *s* e *c* ou *ç* (modernamente escrito *z*) é impossível, pois bem se diferenciam na pronúncia, como antes acontecia em Portugal e no resto da Península Hispânica.

Muito menor dificuldade apresenta a diferenciação entre *ch* e *x*, e o VOCABULÁRIO, bem como a escrita castelhana, em que *x* é modernamente representado por *j*, facilmente a indicam. Bastará aqui dizer-se que, em geral, *ch* corresponde a *cl*, *fl*, *pl* latinos, e que em vocábulos de origem árabe o emprêgo de *x* é de regra. Com respeito à selecção entre *ô* e *ou*, deve considerar-se que o digrama *ou* corresponde a *au* ou *al* latinos, às vezes a *oc*, *ap*, e ao *au* árabe: a diferença é intuitiva para todos os portugueses do norte e das duas Beiras, pois *ou* para elles é ditongo, e não simplesmente *o* fechado, como o é no sul do país.

A escrita dos ditongos nasais será, como é já uso radicado, *ão*, *õe*, *em*, *ens*, *ão*, como em *mãe(s)*, *botões*, *bem*, *bens*, *mão(s)*; e, conforme também há muito se usa, nas terminações átonas dos verbos o ditongo *ão* será escrito *am*; assim teremos, por exemplo, *louvam*, *louvaram*, presente e pretérito, *louvarão*, futuro, sem precisarmos de indicar por acentos a diferença. Nos substantivos, porém, o acento na sílaba predominante diferenciará *cóvão* de *covão*, designando o acento a atonia do ditongo final, como em *órfão*, *órgão*, *Estêvão*, etc., visto que a escrita *orfans* seria uma novidade inútil, e *órfans* daria causa a equívoco, conquanto o respectivo femonino se escreva *órfã(s)*. O ditongo *em*, quando predominante em polissílabos, receberá o acento circunflexo, como em *armazêm*, *armazêns*, *porêm*, a par de *margem*, *porem*, cuja escrita indicará a acentuação *márgem*, *pôrem*, mesmo sem ser marcada. O ditongo *ão* de um único vocábulo actualmente, *muito*, e sua abreviatura proclítica *mui*, hoje em dia só literária, continuará, como até aqui, sem sinal especial que indique a nasaliza-

ção; e *ruim*, que dialectalmente se profere *rũi*, será dissilabo, e não monossilabo.

A vogal *ã*, nasal, fixa-se a escrita *ã*, final; às demais vogais, e a *ã* quando no começo ou interior do vocábulo não se alterará a escrita já adoptada, *am, an, em, en, im, in, om, on, um, un*.

Em obras didácticas, porém, é licito indicá-las, com maior exactidão, por *ã, ê, î, õ, ù*, e ao ditongo nasal em por *êi*, quando a clareza da exposição o exija.

O sinal (˘) ou cimalthas, ápices, cuja função em várias ortografias a maioria da Comissão attribui ao acento grave (˙), fica reservado para denotar, em obras da espécie designada, o valor do *ou* dialectal (*õu, õ, õ*) e o do *u* igualmente dialectal (*ũ*); o *ë* servirá para representar em especial o *e* fechado, antes de palatal, que varia de valor, entre *ê* e *ã*, dos extremos para o centro de Portugal, como em *seja, fecho, selha, senha*, etc. São sinais estes que nenhuma applicação tem na escrita comum, na qual, portanto, palavras com *exodo, exito* serão acentuadas *êxodo, êxodo*, e não *êxito, êxodo*, ou *êsito, êsodo*, como é a sua pronunciação.

A acentuação gráfica tem como primeiro fim acusar a sílaba tónica, considerando-se que o til (˘) vale por acento tónico, se outro não existe marcado no vocábulo ou forma; acusa ainda esse acento a tónica predominante, se há mais de uma, e ainda, em monossilabos, que estes não são átonos. Esta acentuação denomina-se prosódica, e comprehende não só os dois casos indicados, mas igualmente outros accidentes vocabulares, como a desunião de vogais que geralmente formam ditongos.

Um bom sistema de acentuação deve ser tal que, ou a sílaba predominante se assinala na escrita, ou não, quem lê nenhuma hesitação possa ter sobre qual seja essa sílaba. Com o sistema proposto pela Comissão é satisfeito este preceito fundamental com tanta pontualidade, quanta observamos na ortografia castelhana, ou na toscana, segundo o plano de Petrócchi. O sinal do acento tónico é o agudo nas vogais *a, i, u, e* e *o* abertos, o circumflexo em *a, e, o* fechados, e o til na vogal final *ã*, e nos ditongos nasais *õe, õo*.

Na vogal nasal *ã*, ou em *a* antes de consoante nasal, adopta a Comissão igualmente o acento circumflexo, *ãnsia, ânimo*, em atenção a que esse *a* se profere fechado na maioria do país. O VOCABULÁRIO marcou as vogais nasais ou antes de nasal com o acento agudo, como sinal

geral da sílaba predominante, e deve ter isso em consideração quem o consultar.

Outra acentuação gráfica se propõe, generalizando e fixando usos mais ou menos estabelecidos, e esta pode denominar-se distintiva. Consiste no emprêgo do circunflexo (ˆ) sôbre todos os *ee* e *oo* fechados de monossílabos, ou de vocábulos polissilábicos inteiros, isto é, com a penúltima sílaba predominante, quando outros existam em que tais vogais sejam abertas, como já ficou indicado: *rêgo*, *rego*; *rôgo*, *rogo*.

Deve ter-se em atenção que, sendo toda a acentuação vocabular, e sempre fonética, quando um qualquer vocábulo, na sua flexão, ou nos seus derivados, muda de estrutura com relação à acentuação que exigia, esta mantêm-se, perde-se ou adquire-se, conforme as novas condições a que a forma, ou o derivado, ficam sujeitos. Dêste modo, a palavra *cortês*, no plural dispensa o acento, *corteses*; *batéis*, muda o agudo para grave em *batizinhos*; *fugira*, será, na 2.<sup>a</sup> pessoa do plural, *fugíreis*.

Regulou a Comissão também o emprêgo do hífen, o dos pontos de interrogação e exclamação, o das letras maiúsculas, e o do apóstrofo ('), que recomenda seja o mais parcimonioso possível, pois o abuso que dêste sinal se tem feito, onde é errôneo ou desnecessário, nenhuma vantagem traz à fácil leitura, antes a embaraça, e é uma desastrada imitação da ortografia francesa, que muito desfeia a escrita, complicando-a, bem como à composição tipográfica. A maioria das elisões de vogais átonas, e a bem dizer todas as crases de vogais consecutivas são evidentes, e portanto desnecessário é indicá-las na escrita usual. No entanto, fixa a Comissão a união em uma só dição para os seguintes pronomes e advérbios acompanhados de preposição, quando os primeiros não rejam orações de infinito: *dêle*, *nele*, *dela*, *nela*, *dêste*, *nesta*, *desta*, *dessa*, *daquela*, *nesta*, *nessa*, *naquela*, *àquele*, *àquela*, *dum*, *num*, *daquí*, *daí*, *dali*, *aonde*, *donde*, e para os plurais dêsses pronomes, em harmonia com as formas já empregadas *do(s)*, *da(s)*, *no(s)*, *na(s)*, *pelo(s)*, *pela(s)*, (*em-no*, *per-lo*), onde a elisão se não indicou jámais; assim também, *doutro*, *noutro*.

Efectivamente, a indicação por apóstrofo em formas tais como *d'um*, *d'êle*, para não falar nos erros crassísimos *n'um*, *n'êle*, é tam inútil, como o seria escrevermos *vin'te um*, *géner'humano*, *vic'almirante*, em vez de *vinte e um*, *género humano*, *vice-almirante*, conquanto o *e* de *vinte*

e o de vice, assim como o o de género se elidam na pronúncia dessas dições.

Ninguém ainda julgou necessário indicar-se por apóstrofo a crase de *ao* em *dezóito* por *dezaóito*; confrontem-se *dezassois*, *dezassete*, *dezanove*, e as formas toscanas *diciassette*, *diciannove*. As formas escritas, modernísimas, *dezesois*, *dezesete*, *dezenove* são erróneas e não correspondem por modo algum à sua pronúncia, pois ninguém profere *dézissois*, *dézissete*, *dézinove*, como o exigiria esta formação, se nela entrasse a conjunção *e*, que se pronuncia *i*. O povo diz, e muito bem, e dantes sempre assim se escreveram, *dezassois*, *dezassete*, *dezanove*, única escrita legítima, perfeitamente concorde com a toscana acima citada, e com a pronúncia quer italiana, quer portuguesa.

Fora dos casos indicados, a preposição *de* assim se escreverá, seja, ou não, elidido o *e* na enunciação.

Aconselha a Comissão o emprêgo dos pontos de interrogação e exclamação invertidos (*¿* *!*) no começo das orações dessa espécie, quando sejam muito longas, como se faz na ortografia espanhola; e com tanto maior empenho, quanto é certo que, sem tal indicação prévia, muitas vezes será errada a leitura, ou ficará incerto o sentido. As duas interrogações distintas — *Queres vinho ou água?*, e *¿ Queres vinho, ou água?* não se equivalem nem no sentido, nem na entoação.

O hífen ou linha divisória (-) utiliza-o e preceitua-o a Comissão nos seguintes casos:

a) Separar de uma linha para a outra as sílabas de um vocábulo, repetindo-se na linha imediata o sinal, se o vocábulo já de si contém a linha divisória, por ser composto.

b) Unir entre si os dois elementos de uma dição composta, quando cada um deles tem existência independente em português, e conserva a sua acentuação própria.

c) Unir às formas *hei*, *hás*, *há*, *hão*, do verbo *haver*, a preposição *de*, enclítica: *hei-de*, *hás-de*, *há-de*, *hão-de*.

d) Separar nos vocábulos compostos com *bem*, *mal* o *va* e o *l* para evitar erros de leitura; ex.: *bem-aventurado*, *mal-aventurado*.

São estes os principais fundamentos e preceitos da projectada reforma ortográfica, pela Comissão julgada oportuna e de fácil execução, para que de ora em diante seja recomendada como obrigatória em publicações oficiais e no ensino público, e por isso a propõe. As simplificações e a regularização apontadas já tem sido empregadas em

parte em muitos livros e alguns periódicos, se bem que quasi sempre com menor coerência e rigor do que a Comissão as preceitua, e sem formarem corpo de doutrina explicada e motivada, como formam no Formulário e no Prontuário ortográficos com que termina esta exposição e que vão em seguimento. Se exceptuarmos o VOCABULÁRIO e a ORTOGRAFIA NACIONAL já mencionados, e cujo sistema só pequenas alterações sofreu, são esse Formulário e esse Prontuário os primeiros trabalhos metódicos e completos sobre este assunto.

A Comissão nem por um momento perdeu de vista que a primacial vantagem de uma ortografia oficial é favorecer o ensino fácil da leitura e da escrita, tanto quanto um idioma secularmente literário o permite, tomando-se por base a história do idioma pátrio, para que elle se perpetue no futuro, como do passado até o presente perdurou, sempre idêntico a si próprio, apesar da sua inevitável evolução.

## FORMULÁRIO ORTOGRÁFICO

CONFORME O PLANO DE

### REGULARIZAÇÃO E SIMPLIFICAÇÃO DA ESCRITA PORTUGUESA

I. São proscritas de todas as palavras portuguezas, ou aportuguesadas, as letras *k*, *w*, *y*, as quais serão respectivamente substituidas pelas seguintes: *k* por *qu* antes de *e*, *i*, por *c* em qualquer outra situação; *w* por *u*, ou por *v*, conforme fôr a sua pronúncia; *y* por *i*. Escreveremos, pois, *calcidoscópico*, *quermes*, *neutonio*, *Venceslau*, *valsa*, *tipo*, *lira*, *fisiologia*, etc.

Excepções: 1.<sup>a</sup> Poderão usar-se essas letras em vocabulos derivados de nomes próprios estrangeiros, em que sejam legitimamente empregadas; ex.: *kantismo*, *darwinismo*, *byroniano* (Kant, Darwin, Byron), os quais, porém, será licito escrever, em harmonia com a pronúncia, *cantismo*, *darwinismo*, *baironiano*. Confrontem-se *Copérnico*, de *Kopernik*, *Antuérpia*, de *Antwerp*, *(h)iate*, de *yacht*.

2.<sup>a</sup> Continuam em uso os simbolos *W*, para denotar o *Oeste*, e *K* como abreviatura de unidade métrica, e também na forma internacional *kilo*...; que todavia se poderá escrever *quilo*...; tanto mais, que o *k* é um gros-

seiro êrro nesta palavra, pois o correspondente termo grego se escreve com  $\chi$ , e não  $\kappa$ .

II. O abecedário empregado em português ficará consistindo nas seguintes letras, e suas combinações, e portanto sómente com umas ou com outras se escreverão todas as palavras portuguesas, ou aporuguesadas. Essas letras e combinações são: *a b c ç ch d e f g h i j l lh m n nh o p, qu r (rr) s (ss) t u v x z*.

III. É eliminada a letra *h* do interior de todos os vocábulos portugueses, com excepção do seu emprêgo, como sinal diacrítico, nas combinações *ch, lh, nh*, com os valores que as seguintes palavras exemplificam, e unicamente para êles: *chave, malha, manha*. Portanto, escrever-se hão, sem *h*, *inibir, exortar*, etc., e, semelhantemente, *sair, coerente, proibir*, etc.

IV. É conservado o *h* inicial, quando a etimologia o justifique, como em *homem, humano, hora, hoje*; mas abolido onde é errôneo, como em *hontem, hir, hombro*, que se escreverão *ontem, ir, ombro*.

Quando a uma qualquer palavra com *h* inicial etimológico se acrescentar prefixo, suprimir-se há o *h*; ex.: *desumano, inumano, desonra, filarmónica, desistória*, etc.

V. É licito escrever *h* final, como sinal de interjeição, *ah! oh!*; mas é proscrita esta letra final em todos os mais vocábulos; ex.: *Sara, Judá, raja ou rajá*, etc.

VI. Em harmonia com a cláusula III é eliminado o *h* dos grupos *rh, th*, ou outros quaisquer, inexactamente denominados etimológicos, e portanto escrever-se há *teatro, retórica, aderir, aborrecer, sirgo, sorgo, caridade, cristão, Cristo, monarca, técnica, cloro*, etc. O grupo *ch*, com o valor de *k* antes de *e, i*, será substituído por *qu*; ex.: *monarquia, architecto, química, querubim*. O grupo *ph* será expresso por *f*; ex.: *filosofia, frase, fenício, farol, física, fisiologia, ninfa, profeta*, etc. Assim também escreveremos *ditongo, tísica, apotegma*, etc.

VII. Nenhuma consoante se duplicará no interior ou fim de vocábulo, senão quando a pronunciação assim o exija, o que só acontece com *rr, ss, mm, nn*, como nas seguintes palavras: *carro, cassa, emmalar, ennegrecer*.

Nesta conformidade, escrever-se hão com letras singelas as seguintes palavras, e outras que é hábito escrever com letras dobradas: *abade, acusar, adição, affecto, sugerir, agravo, ãle, ela, aludir, chama, pano, anexo, apparecer, attribuir, meter, attitude*, etc. As letras *r* e *s* dobram-se, se a pronúncia o exige, quando a qualquer vocábulo se ante-

põe prefixo terminado em vogal; ex.: *presentir*, *prorrogar*, *ressuscitar*: cf. *arrasar*, de *raso*, *assegurar*, de *seguro*.

VIII. São suprimidas as consoantes mudas, quando não influam no valor das vogais que as precedem; ex.: *autor*, *restrito*, *produto*, *produção*, *pronto*, *presunção*, *satisfação*, *praticar*, *tratar*, *retratar*, *sinal*, *Madalena*, *aumento*, *Inácio*, *Inês*, *assunto*, *assinar*, *sono*, *dano*, *condenar*, etc.

IX. São conservadas as consoantes, usualmente mudas, quando facultativamente se proferam, ou quando influam no valor da vogal que as precede; ex.: *contractão*, *reacção*, *direcção*, *excepção*, *adoptar*, *adopção*, *espectáculo*, *carácter*, *rectidão*.

Neste caso os vocábulos aparentados, em que essas vogais pertencem à sílaba predominante do vocábulo, conservarão, por analogia, a consoante muda; ex.: *contracto*, *directo*, *excepto*, *adopto*, *caracterizar*, *recto*, *acto*, em razão de *activo*, *acção*, etc.

X. O emprêgo acertado das letras *ce*, *ci*, alternando com *(s)se*, *(s)si*, ou no interior do vocábulo o de *ç*, alternando com *ss*, depende da origem d'esses vocábulos e do valor que as ditas letras indicavam, quando a pronunciação delas differia, como ainda hoje difere dialectalmente em várias regiões do norte de Portugal. A consulta ao VOCABULÁRIO é indispensável para decidir da escolha. Como regra geral, *ce*, *ci*, *-ç-* correspondem a *ce*, *ci*, *ti* latinos, a *ce*, *ci*, *za*, *zo*, *zu* do castelhano actual, a *ss* arábicos, ou pertencem a vocábulos de origem americana indígena, transcritos pelos autores peninsulares.

Fica banido o *ç* inicial, que será substituído por *s* nos poucos vocábulos em que etimologicamente figuraria; ex.: *sapato*, *sarça*, e não *çapato*, *çarça*, como antes se escrevia, e ainda uma ou outra vez se escreve.

XI. É conservado o grupo inicial *sc*, das seguintes palavras e seus derivados e afins, em que o *s* é mudô: *scena*, *sciência*, *scetro*, *scéptico*, *scisma*, *scisão*, *sciático*, *scintilar*, *scelerado*, e algum outro menos usual.

XII. O emprêgo de *ch* ou de *x*, os quais histórica e ainda dialectalmente não eram nem são idénticos no valor fonético, regula-se pela sua origem, e a consulta ao VOCABULÁRIO torna-se necessária. Deve ter-se em atenção que *ch* corresponde a *cl*, *fl*, *pl*, *tl* latinos, e a *ch* francês nas palavras desta origem; *x* corresponde a *x* e a *s* latinos. Nos vocábulos de origem arábica o emprêgo de *x*, e não de *ch*, é de rigor; assim, *xoque*, e não *che(i)k*.

XIII. A escrita dos ditongos orais é a seguinte: *ai*, *éi*,



*ei, oi, oi, ui, au, éu, eu, iu, ou*, como em *ensaio, ensaiar, batéis, bateis* (de *bater*), *sóis* (de *sol*), *sois* (verbo), *fui, pau, céu, seu, viu, grou*, e portanto *pai(s), amai(s), gerais, réis, rei(s), faróis, róis* (nome plural e verbo), *azuis*, etc. Ficam abolidas as escritas *ae, oe, ue, ao, eo*, para estes ditongos, quer em nomes, quer em formas verbais.

XIV. A escrita dos ditongos nasais é: *ãe*, em (*ens*), *de*, *ão*, como em *mãe(s), bem, bens, põe(s), botões, cães, mão(s), órfão(s), cidadão(s)*.

Escrever-se *hão* com *am* final, em vez de *ão*, as formas verbais em que essa terminação seja átona, como *louvam, louvaram* (presente e pretérito), diferente de *louvarão* (futuro).

Os vocábulos terminados no ditongo *em* (equivalente a *êi*) receberão o acento circunflexo quando forem polissílabos com a última sílaba predominante. Dêste modo *porem*, do verbo *pôr*, diferenciar-se há de *porém*, conjunção; *contêm*, do verbo *conter*, de *contem*, do verbo *contar*; assim igualmente, *armazêm, vintêm, vintêns, alguém*, mas *viagem, origem* (= *viagem, origem*).

Os monossílabos com esta terminação dispensam a acentuação gráfica, por ser ociosa, e para que fiquem em harmonia com outros monossílabos terminados em vogal, nasal; ex.: *bem, bens, tem, tens*; comparem-se *fim, som, um; fins, sons, uns*.

O ditongo *ui* de *muito, mui* dispensa igualmente o til na escrita usual.

XV. A grafia das vogais nasais finais será a seguinte, já consagrada: *ã(s), im, ins, om, ons, um, uns*, como em *lã(s), irmã(s), órfã(s), fim, fins, marfim, marfins, som, sons, jejum, jejuns*.

No interior dos vocábulos é a nasalidade da vogal expressa por *m* antes de *b, p, m*, e por *n* em qualquer outra situação, o que é já uso estabelecido, mas ao qual convém não se fazerem excepções; assim escreveremos *circunstância, circumscrever, conquanto*, com *n*, e não com *m*.

XVI. É conservado ao *e* inicial átono o valor que tem de *i* em muitos vocábulos, como *erguer, herdeiro, evitar, elogio*; sendo porêem substituído por *i* nas palavras *igual, idade, igreja* e seus derivados, ortografia anterior que se lhes restabelece. É semelhantemente conservado o *e* com o valor de *i* átono antes de vogal, quando a analogia ou a etimologia o recomendem; ex.: *fealdade, desfear, de feio* (cf. *desfiar, de fio*), *ideal, meada, reagente*, etc. Res-

tabelece-se porêm a verdadeira ortografia de *pior*, *lial*, *rial* (antes *peior*, *leial*, *reial*), em que um *ei* anterior se condensou em *i*, como aconteceu com *igreja* (forma antiga *eigreja*) e como ainda hoje acontece com o prefixo *eis-* (*ex-*), que é usualmente pronunciado *is*. O último exemplo citado, *rial*, de *rei*, fica assim diferenciado de *real*, procedente do latim *res*.

O verbo *criar* será semelhantemente escrito com *i*, pois a sua conjugação é *crio*, *crias*, e não *creio*, *creias*, e portanto escreveremos também *criador*, *criatura*, *criança*, qualquer que seja a acepção em que se tomem tais palavras. O verbo *recrear*, todavia, escrever-se há com *e*, porque a sua conjugação é com *ei*, *recreio*, *recreias*; devendo ter-se em atenção que o *i* intercalar, para evitar o hiato *recreo*, só tem cabimento quando o *e* do radical é predominante, e conseguintemente escreveremos *passear*, *cear*, *desfear*, *passio*, *ceio*, *desfeio*, e não *passiear*, *ceiar*, etc.

Há considerável número de verbos, como *alumi*ar, *glor*iar, *avi*ar, que se conjugam *alunio*, *glorio*, *avio*, sendo portanto a vogal final do seu radical *i* e não *e*. Todavia, por influência daqueles em que essa vogal radical é, pelo contrário, *e*, que átono se profere *i*, alguns verbos em *iar* confundiram-se com êsses, e é já hoje impraticável a correção. Os principais dêstes verbos são os seguintes, e convêm que não se traslade a outros a irregularidade que se manifesta neles: *ansi*ar, *anseio*; *negoci*ar, *negocio*; *obsequi*ar, *obsequio*; *premi*ar, *premeio*; *odiar*, *odio*; *remedi*ar, *remedeio*. Em outros, menos triviais, é duvidoso o modo de os conjugar, como *licenci*ar, *presenci*ar, *sentenci*ar, que muitos preferem conjugar *licencio*, *presencio*, *sentencio*, conquanto as formas *licenceio*, *presenceio*, *sentenceio* sejam muito mais usuais. É claro que a irregularidade se não deve trasladar aos substantivos correspondentes, e que portanto escreveremos *ânsia* (e não *ânceo* ou *ância*), *negócio*, *obsequio*, *ódio*, *prémio*, *remédio*, e assim também com *i* os derivados, *odioso*, *obsequioso*, etc.

XVII. Na pronúncia do sul de Portugal o *s* antes de consoante surda, e quando é final, profere-se como *x* atenuado, e sendo a consoante sonora, como *j*, igualmente atenuado. Se em tais condições está precedido de *e* surdo, êste *e*, por assimilação, palataliza-se e fica sendo igual a *i* na mesma situação, de modo que os dois vocábulos *pes-car* e *piscar* só artificialmente se distinguem; assim também a primeira sílaba de *esteira* confunde-se com a primeira sílaba de *história*, e tanto, que antigamente se escrevia

*estórea* (com *ea*, para se evitar a leitura *estorja*, pois nenhuma diferença gráfica se fazia entre *i* e *j*). Para quem profira do mesmo modo *es* e *is*, átonos, é necessário recomendar que se regule pelas formas em que *e* ou *i* sejam predominantes, a fim de acertar com a devida escrita. No exemplo citado, *pescar* procede de *pesca*, e portanto com *e* se escreverá; *piscar*, de *pisco*, ortografar-se há com *i*.

A confusão entre *es* e *is* mais freqüente, e que dá margem a inúmeros erros de ortografia, ocorre com os prefixos *des-* e *dis-*. É usualíssimo ver-se escrito *distribuição*, por exemplo. Cumpre advertir que o valor destes dois prefixos, assim confundidos na pronúncia meridional, é diverso: *des-*, é privativo, *dis-* indica «repartição, divisão». Escreveremos pois *destinto* com *e*, de *destingir*, de *tingir*, *distinto* com *i* de *distinguir*, e assim também *dispersar*, *discrição* (que se não deve confundir com *descrição*, de *descrever*), *discórdia*, *discorrer*, etc.

XVIII. Sendo *o* e átono, antes de consoante palatal, *ch*, *x*, *j*, *lh*, *nh*, por assimilação igual a *i* surdo, dá-se freqüentemente a dúvida sobre a escrita com *e* ou com *i*, em sílabas átonas. Convém, do mesmo modo, recórrer ás formas em que a vogal duvidosa seja predominante; assim, *lenheiro*, de *lenha*, escrever-se há com *e*, *linheiro*, de *linho*, com *i*.

XIX. Por outra parte, no centro de Portugal o *e* fechado antes das mencionadas consoantes palataes *ch*, *x*, *j*, *lh*, *nh* profere-se como *â*, e esta pronúncia vai-se difundindo cada vez mais no país: *fecho*, *ceveja*, *selha*, *senha* são pronunciados *fâco*, *cerâja*, *sâlha*, *sânha*. Valendo *o* a antes de consoante nasal, *m*, *n*, *nh* por *â* fechado, em geral, produz-se, pela concorrência destas duas leis fonéticas, onde elas predominam, a confusão entre *senha*, «sinal», e *sanha*, «ira», entre *lenho*, «madeiro», e *lanho*, «golpe».

Para não se deformar a lingua pátria, torna-se essencial a devida distinção gráfica, ainda quando se não observe na fala, e é fácil acertar-se com a escrita, se se atender à pronúncia dessa vogal, duvidosa quando tónica, em formas nas quais ela seja átona: *sanha*, «ira», escreve-se com *a*, porque dizemos *assanhar*, e não *assenhar*, ao passo que um verbo derivado de *senha* (*signa*, latino) *desenhar*, se não profere *desanhar*; *lanho*, «golpe», tem um derivado *alanhar*, que não é *alenhar*, e consequentemente deve escrever-se com *a*.

XX. Continua o emprêgo tradicional de *o* átono valendo por *u*, quer final, quer medial, quer inicial, ou êle seja analógico, como em *formosura*, de *formoso*, de *forma*, *porteiro*, de *porta*, *correr*, *côrro*, *corres*, ou etimológico como em *monumento*, latim *monumentum*, *governar*, castelhano *governar*, latim popular *governare*, latim clássico *gubernare*. Na escrita será indispensável attender-se à forma primitiva, portuguesa ou latina, ou recorrer-se ao competente VOCABULÁRIO, pois os casos duvidosos, para os indoutos, são aos milhares.

Antes de vogal como em *mágoa*, *nódoa*, a conjugação dos respectivos verbos, *magoar*, *magôa*, *enodoar*, *enodôa*, como em *soar*, *sôa*, indica a escrita correcta. Com verbos como *aguar*, cuja conjugação é incerta, é preferível escrevê-los com *u*, e assim também *água*, *rêgua*, *légua*, visto que a razão da escrita com *o* era principalmente o evitar-se que *u* fosse lido como *v*, quando nenhuma distinção fixa e assente existia, para se determinar quando as duas formas *u*, *v* eram consoantes ou vogais. Feita a distinção, como há mais de um século se faz, quer na escrita, quer na imprensa, deixaram de ser necessários êsse e outros expedientes gráficos, como a adjunção de *h* a *u* ou a *i*, para indicar serem vogais, e não consoantes, o que motivou as grafias *hiate*, *huivar*, *hia*, para que *uivar*, *iate*, *ia* se não lessem *vivar*, *jate*, *já*. Alguns *hh* e alguns *oo* teem essa origem a explicá-los.

XXI. No centro de Portugal o digrama *ou*, quando tónico, confunde-se na pronunciação com *ô*, fechado. A diferença entre os dois símbolos, *ô*, *ou*, é de rigor que se mantenha, não só porque, histórica e tradicionalmente, êles sempre foram e continuam a ser diferenciados na escrita, mas também porque a distinção de valor se observa em grande parte do país, do Mondego para norte. Outra razão se deve apontar ainda, e essa é que *ou* átono ou conserva o valor que *he* é próprio, ou, popularmente, se profere *ò*; ao passo que *ô* vale por *u* nas sílabas átonas; assim, por exemplo, *roubar*, de *roubo*, não altera o valor do *ou* do radical, o que não acontece, por exemplo, com *rogar*, de *rôgo*, em que *o* vale por *u*, se não é predominante. Duas excepções, pelo menos, existem modernamente: *apoquentar*, de *pouco*, e *aposentar*, de *pouso*, que antes eram *apouquentar*, *apousentar*. A redução deve ter tido origem no sul, em que *ou* se confunde com *ô*.

Êste ditongo *ou* alterna em quasi todos os vocábulos com o ditongo *oi*, ao qual muitos dão a preferência, ex-

ceptuando porém certos vocábulos como *outro, roubo*, etc. A alternância dá-se principalmente antes de *r, s*, como em *ouro, cousa; oiro, coisa*.

Quem prefira *oi* a *ou* assim escreverá, pois qualquer das formas é licita na maioria dos vocábulos, como se disse. Nas formas verbais, porém, como a 3.<sup>a</sup> pessoa do singular do pretérito *louvou*, não é admitido o ditongo *oi* por *ou*, nem tampouco em *coube, soube, trouxe*, etc.

Advertir-se há que é errônea a forma *poude* em vez de *pude*, 1.<sup>a</sup> pessoa, e *pôde*, 3.<sup>a</sup> pessoa do presente do verbo *poder*, que tem origem diferente (potui, potuit, latinos) da que vemos em *coube, soube* (lat. capui(t), sapui(t), comum à 1.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> pessoas do mesmo tempo verbal dos verbos *cabere* e *saber*. Um qualquer indivíduo, originário das regiões em que *ou* é diferente de *ô* no valor, não conjugará jamais assim erradamente o verbo *poder*, nas duas formas citadas, nas quais não há o ditongo *ou*, como em *coube, soube, trouxe*, mas sim *u* e *ô* fechado.

## XXII. Acentuação gráfica.

Como é uso corrente, marcam-se com o devido acento, agudo ou circumflexo, os vocábulos terminados em *a, e*, o tónicos, seguidos, ou não, de *s*, e por analogia os terminados em *em, ens*; ex.: *alvará(s), louvará(s), maré(s), mercê(s), portalo(s), avô(s)*, e bem assim os monossílabos, como *pá(s), sé(s), sê(s), só(s); vintêm, vintêns, contêm, contêns*; os monossílabos em *em, ens*, dispensam a acentuação: *bem, bens, tem, tens*.

XXIII. O sinal denominado til (-) vale por acento tónico quando não haja outro acento gráfico a designar a sílaba predominante do vocábulo; ex.: *cidadão(s), escrivão, escrivães, nação, nações, mão(s), mãe(s)*; mas, *ourê-gão(s), rãbão(s), Estêvão, Cristóvão*, etc.

XXIV. As palavras terminadas em *i, u*, vogal nasal ou ditongo, seguidos ou não de *s*, ou em outras consoantes, excepto na terminação *em, ens*, entende-se terem como sílaba predominante a última, não se acentuando portanto graficamente senão as excepções a esta regra; ex.: *javalí(s), peru(s), maçã(s), atum, atuns, marau(s), arrais, esqueceu, judeu(s), painel, farei(s), mulher, vencer, tímidez, feliz, arroz, alcaçuz, lioz, alcatruz*; mas, *quási, Vénus, órfã(s), álbum, amáveis, fácil, fáceis, sável, sáveis, fariéis, alcáçar, carácter* (plural *caracteres*), *mártir, sóror, cônsul*.

XXV. Os nomes terminados em *em, ens*, e as formas verbais em *am, em*, entende-se terem como sílaba predo-

minante a penúltima, que se não assinala com acento gráfico; ex. *loucam, louvaram* (cf. *louvarão*, futuro), *po-rem, contem* (dos verbos *pôr, contar*), marcando-se o acento gráfico quando a sílaba predominante seja a última; ex.: *porém, contêm* (de *conter*), *armazém, armazêns, Jerusalém, Belém*.

XXVI. Todos os vocábulos cuja sílaba predominante seja a antepenúltima terão essa sílaba marcada com o competente acento escrito; ex.: *sábad(a)s, câmara(s), cédu-la(s), pêssego(s), sêmola(s), concêntrico(s), título(s), inti-mo(s), pródigo(s), cómodo(s), lóbrego(s), ligrupe(s), úni-co(s); área(s), ária(s), árduo(s), mágoa(s), contemporâ-neo(s), Libânio, ânua, proscênio(s), gémeo(s), ingénuo(s), sêmea(s), virgíneo(s), insónia(s), fúria(s), facúndia(s), ân-dito(s), argênteo(s), fimbria(s), vergôntea(s), núncio(s), de-mónio(s), António, Antónia, infortúnio, farmacêutico, etc.*

XXVII. O acento marcado nos esdrúxulos é diferen-cial com relação aos vocábulos que, escritos com as mes-mas letras, tenham por sílaba predominante a penúltima, ou a última; ex.: *fábrica*, substantivo, e *fabrica*, verbo; *réplica*, substantivo, e *replica*, verbo; *índico*, adjectivo, e *indico*, verbo; *história*, substantivo, e *historia* (*ri*), verbo; *telégrafo*, substantivo, e *telegrafo* (*grá*), verbo, etc.

XXVIII. Quando um qualquer vocábulo que tenha por sílaba predominante a penúltima, e cuja vogal nessa sí-laba seja *e* ou *o* abertos, fôr homógrafo com outro em que êsse *e* ou *o* seja fechado, marcar-se hão êstes com o acento circumflexo. Assim se diferenciarão *rêgo*, substantivo, e *rego*, verbo; *pêgo*, ave, e *pego*, abismo, ou forma do verbo *pegar*; *rôgo*, substantivo, e *rogo*, verbo; *sôbre*, preposição, e *sobre*, verbo; *mêdo*, susto; e *medo*, nome étnico; *dêmos*, presente do subjuntivo, e *demos*, pretérito (do verbo *dar*).

XXIX. Diferenciar-se hão pelo acento agudo os seguin-tes vocábulos: *pára*, verbo, de *para*, preposição; *pêlo*, *pêla*, de *pêlo* substantivo, e de *pelo, pela* (*per lo, per la, per o, per a*); *pôlo*, substantivo, de *polo* (forma antiquada, em vez de *pelo*); e *pelo* circumflexo, *pêra*, de *pera*, forma antiga e popular da preposição *para*; *quê*, de *que* procli-tico, átono; *cômo*, verbo, de *como*, particula. Pelo agudo se diferenciará a forma do pretérito, *louvámos*, da do pre-sente, *louvamos*.

XXX. As formas verbais *dêem, lêem, vêem, crêem* (de *dar, ler, ver, crer*) receberão o acento circumflexo, ficando assim distintas de outras como *te(e)m, ve(e)m*, de *ter, vir*.

XXXI. Quando a segunda de duas vogais consecutivas

seja *i* ou *u*, que não forme ditongo com a vogal precedente, marcar-se há com o acento agudo, se fôr tónica; ex.: *sai*, *saida*, *faisca*, *saúde*, *balaiastre*, *raízes*, *baú(s)*. Se fôr átona pode assinalar-se com o acento grave; ex.: *saimento*, *faiscar*, *saídar*, *enraizado*, *abaílado*. É licito dispensar-se o agudo se a consoante seguinte não fôr *s*; ex.: *ainda*, *raiz*, *sair*, contanto que não inicie outra sílaba. Podem, portanto, escrever-se *Coinbra*, *raiz*, *sair*, sem acento, mas exigem no *saida*, *saira*, *saúde*, *raízes*, *ataúde*, etc.

XXXII. Os ditongos *éi*, *ói*, *éu*, sempre finais tónicos, receberão o acento agudo, que os diferencia de *ei*, *oi*, *eu*, fechados; ex.: *paínéis*, *heróis*, *chapéus*; em *réis*, *bateis*, *papéis*, *sois* esse acento distingue tais vocábulos dos seus homógrafos *reis* (de *rei*), *bateis*, *papeis* (de *bater*, *papar*), *sois* (do verbo *ser*). Outros exemplos são *bóia*, *jóia* (cf. *joio*, com o fechado), *gibóia*, *herói(s)*, etc.

### XXXIII. Hifen.

Os vocábulos compostos cujos elementos conservam a sua independência fonética unem-se por hifen (·) e conservam igualmente a sua acentuação; ex.: *água-pé*, *pára-raios*, *guarda-pó*. O hifen repetir-se há na linha imediata, quando por êle se faça a separação silábica de linha para linha; ex.: *pára-/raios*. Quando um dos termos do vocábulo composto não existe independente em português, na sua forma integral, unem-se os dois elementos sem hifen; ex.: *clarabóia*, *fidalgo*. Outro tanto se fará quando a noção do composto se haja perdido, como em *solfa*, *dezoito* (*dez-a-oito*).

XXXIV. O hifen será utilizado também nos seguintes casos:

a) Unir os pronomes pessoais enclíticos aos respectivos verbos, de que são complemento; ex.: *louvá-lo*, *devê-lo*, *puni-lo*, *dá-nos*, *dou-vos*, *falo-lhes*, etc. A acentuação do verbo mantém-se, como se não se lhes unissem êsses complementos. São erros inadmissíveis, mas muito frequentes, *louval-o*, *devel-o*, *punl-o*, etc.

b) Os advérbios *mal*, *bem*, formando o primeiro elemento de um composto, unem-se ao segundo elemento por hifen, quando sem êle a soletração seria errada; ex.: *bem-aventurança*, *mal-logrado*, para que se não leiam *be maventurança*, *ma logrado*. Este último, todavia, pode ler-se também *malogrado*, pois dizemos *malograr*, *malôgro*.

A palavra *aguardente* formará o seu plural como *aguardentes*; se porêm se preferir separar os dois elementos, *água-ardente*, o plural será *águas-ardentes*.

XXXV. Há vocábulos que, sendo derivados, seguem a analogia dos vocábulos compostos, com os seus elementos unidos por hífen, em terem dois acentos tónicos dos quais é predominante o segundo; são êles os aumentativos e diminutivos formados com o infixo *z*, e os advérbios derivados com o sufixo *-mente*. Se os adjectivos ou substantivos de que se formam terminam em vogal com acento agudo, muda-se êste em acento grave, ex.: *sòzinho, cafèzinho, mãzona*, etc. Esta mudança tem por causa o evitar-se que, escrevendo-se *mázona*, por exemplo, se entenda ser a primeira a sílaba predominante. Nos advérbios, porém, formados com o referido sufixo *-mente*, que antes era um substantivo, a acentuação com o agudo, ou o circumflexo mantêm-se, por não poder dar-se a confusão apontada: *fácilmente, cortêsmente, sómente*.

#### XXXVI. Apóstrofo.

É quasi abolido êste sinal ortográfico, absolutamente inútil para a leitura, e de introdução relativamente moderna. O seu emprêgo limitar-se há a indicar, principalmente na poesia, a supressão de uma letra, que usualmente se escreve na prosa, como em *esp'rança, mer'cer, par'cer, c'roa, p'ra, 'star*, etc. Pode, também, usar-se no interior das dições compostas, quando nelas se faça elisão do *e* da preposição *de*, como em *mãe-d'água*.

XXXVII. Os pronomes complementos enclíticos de verbos escrever-se hão como nos exemplos seguintes: *tenho-o, tem-lo, tem-no, temo-lo, tende-lo; louvá-los, devê-los, uni-los; louva-los, deve-los, une-los; vê-mo, vê-to, vê-lho, vê-no-lo, dava-vo-lo, vêem-se-lhe, comprámo-la*, sem se indicar por apóstrofo a supressão de *e* e de *s*, que é de regra; *tem-lo*, está por *tens-lo*, *vê-mo*, por *vê-me-o*. O verbo conserva a acentuação marcada que lhe competiria sem complementos, e assim é a sua pronuniação.

XXXVIII. Reúnem-se em uma só dição, sem apóstrofo ou hífen, os seguintes pronomes, precedidos das preposições *a, de, em, por*: *ao(s), à(s), do(s), da(s), àquele(s), àquela(s), dele(s), dela(s), dêste(s), desta(s); daquele(s), daquela(s), dêsse(s), dessas(s); naquelo(s), naquela(s), neste(s), nesta(s), nesse(s), nessa(s); disto, disso, daquilo, nisto, nisso, naquilo, noutro*.

Outro tanto acontece com os artigos *o(s), a(s), um, uns, uma(s)*, e os advérbios *aqui, aí, ali, acolá, além, onde*; ex.: *do(s), da(s), pelo(s), pela(s), no(s), na(s), aonde, donde, dali, daí, dali, dacolá, dalém*, etc.

Quando porém êsses pronomes rejam orações de infinito,



a preposição conservar-se há inteira e separada; ex.: *por causa de elles não quererem; em razão de os não ter visto.*

As demais elisões, que no decurso da fala ou da leitura se costumam fazer, não são indicadas na escrita; não se escreverá pois: *d'idade, d'entrada*, mas sim *de idade, de entrada*; pelo mesmo motivo por que se não escreve *vint'e um*, conquanto o *e* de *vinte* aí se não profira. São elisões e crases que é escusado representar na escrita, e algumas das quais são facultativas, quer individual, quer ocasionalmente.

### XXXIX. Divisão silábica.

A divisão de um vocábulo qualquer simples em sílabas far-se há fonéticamente pela soletração e não pela separação dos seus elementos de derivação, composição ou formação, contanto que a dição composta não tenha os seus elementos apartados por hífen (-). Desta maneira dividir-se há, por exemplo, *subscreever*, como *sub cre ver*, do mesmo modo por que a palavra *escrever* se não divide como *e scre ver*, e *vezes*, *pastora*, como *vez es, pastor a*, mas sim como *ve zes, pasto ra*. Assim, também, *di rec ção*, *a dop tar, su búr bios, de sas tra do, de sar mar, i ná bil, bi sa vô, pres tan te, cir cuns tâu ciã*, etc., etc.

Para a segunda linha e para a soletração pertencem à vogal que se lhes segue as consoantes que podem começar palavra; assim teremos *co bra, am pla*, porque temos *bra ço, pla ga; ecli pse* (cf. *psicologia*).

XL. Quando o *s* dos prefixos *des-, dis-*, é seguido de consoante separa-se dela; se depois se lhe segue vogal, pertence a esta, e com ela forma sílaba; ex.: *des fa zer, dis tri buir*, mas *de sen ga nar, de sen vol ver*.

XLI. Duas consoantes iguais separam-se; ex.: *ar rastar, as sistir, em malar, en nastrar*.

XLII. As palavras compostas dividem-se pelos seus componentes; ex.: *porta-voz, vice-almirante*, repetindo-se na linha inferior o hífen.

XLIII. Nos vocábulos formados com o prefixo *ex-*, fica este separado do segundo elemento, ao dividir-se ou soletrar-se a palavra; ex.: *ex ér ci to, ex ce der*.

XLIV. São inseparáveis as letras dos seguintes grupos de consoantes: *bl, cl, dl, fl, gl, pl, tl, vl; br, cr, dr, fr, gr, pr, tr, vr; ch, lh, nh; sc, ps*.

Se, porém, o *s* se lê separado do *c* no interior do vocábulo, separado se divide; ex.: *des cer, cõas ci o, pros cé nio*; mas *en sce na ção*.

XLV. São igualmente inseparáveis duas vogais conse-

cutivas, formem ou não ditongo; ex.: *ai po, cau sa, rai nha, proe mio, goe la, poei ra, pro nua cia, voar, voo, á gua, moi nho, é gua, i guais, con ti nua, con tí nua, ja mí lia, se ria, sé ria, rea lidade, veí culo.*

XLVI. O u depois de q ou g é dèle inseparável, quer seja mudo, quer se profira; ex.: *quin ta, quer ra, fre-  
quente, a gùentar, ar gùir.*

## PRONTUÁRIO ORTOGRÁFICO

Súmula das principais regras que se hão de observar na escrita das palavras e formas vocabulares portuguezas :

1. O alfabeto portuguez consta das seguintes vinte e quatro letras, e de mais três, que sómente em circunstâncias especiais se empregam e aqui vão incluídas em parêntese curvilíneo :

a b c ç d e f g h i j (k) l m n o p q[u] r s t u v (w)  
x (y) z.

2. Além destas letras, há outros caracteres, que ora são figurados por duas letras empareçadas, ora por sinais diacríticos, sobrepostos a várias dessas letras. Assim augmentado, o sistema de escrita portuguesa compõe-se de 53 symboles :

a, á, à, â, ã; b; c, ç, ce (ci), ch; d; e, é, ê, ê; f; ge (gi), g, gu, gù; h; i, í, ï; j; (k); l, lh; m; n, nh; o, ó, ò, ô, õ; p; qu, qù; r, rr, s, ss, se; t; u, ú, ù; v; (w); x; (y); z.

O valor destes caracteres, excluídas as letras *k, w, y*, está exemplificado nas palavras seguintes: *par, pá, àquela, cada, lâ; bobo; cá; praça, cela, cinta, chá; dado; de, sé, prègar, sê; foz; gema, giz, gágo, guerra, agùentar; há; li, figado, fâiscar; já; lá; lhe; mó; nó, lenha; lado, copa, pó, môlhada, avô, põe; que, frequente, caro, ré, carro; só, passo, scena, casa; tu; fuga, último, saùdar; véu; xadrez, exame, sexo, próximo, texto; zêlo.*

3. Dêstes caracteres tem um único valor e emprêgo os nove seguintes: *b, d, f, j, l, p, qu, t, v.*

Os outros caracteres variam de valor.

4. *a*: Designa o *a* aberto quando está na sílaba tónica principalmente, e em sílaba átona se está seguido de *l*; ex.: *cabo, faltou.*

5. Fora da sílaba tónica denota em geral o *a* surdo, como *boca, parede, camarote.*

O *a* surdo pode ser tónico, se está antes de consoante nasal, *m*, *n*, *nh*; ex.: *cama*, *cana*, *manha*, *louvamos*.

6. *á*: Emprega-se com o valor de *a* aberto quando seja necessário marcar *a* tónico, isto é: na última sílaba, seguido ou não de *s*; na penúltima, se a última não termina em *a(s)*, *e(s)*, *o(s)*, *m*, e na antepenúltima; ex.: *lá*, *será(s)*, *fácil*, *fáceis*, *carácter*, *sável*, *prática*. Emprega-se também para diferenciar *pára* de *para*, preposição, e na forma verbal do pretérito, 1.<sup>a</sup> pessoa do plural, *louvámos*, para a diferenciar da do presente, *louvamos*.

7. *à*: Designa o *a* aberto átono em vocábulos que se escrevem com as mesmas letras, que outros que tem *a* surdo, e também para denotar o acento secundário em derivados; ex.: *ábada* (de *aba*; cf. *abada*, «animal»), *pázada*, *desàbar*.

8. *â*: Indica o *a* surdo tónico em vocábulos esdrúxulos; ex.: *ânimo*, *câmara*; ou em inteiros terminados em *i*, *u*, vogal nasal, ditongo ou consoante diferente de *s*; ex.: *cânon*, *âmbar*, etc.

9. *ã*: *ã* nasal em fim de vocábulo, seguido ou não de *s*, e nos ditongos *de*, *ão*; ex.: *lã(s)*, *mãe(s)*; *mão(s)*.

Se não há outro acento no vocábulo, vale por acento tónico; ex.: *rabão*, a par de *rãbão(s)*.

O ditongo *ão* átono, final de formas verbais, escreve-se *am*; ex.: *louvam*, *louvaram*; cf. *louvarão*, futuro.

Antes de *b*, *p* e *m* a vogal nasal *ã* escreve-se *am*, e antes de outra consoante, *au*; ex.: *campo*, *lamber*, *emmalhar*; *banco*, *frango*, *canto*, *quando*, *lança*, *ânsia*, *rancho*, *laranja*, etc.

10. *ce*, *ci*, *ça*, *ço*, *çu*: *ç* escreve-se antes de *a*, *o*, *u*, *c* sem cedilha, antes de *e*, *i*; ex.: *faça*, *faço*, *cabeçudo*; *face*, *fácil*, *paço*, *palácio*, *palacete*.

No interior dos vocábulos, corresponde a *ci*, *ti* latinos, e a *ss* arábicos, e nisto se diferencia do *s*, o qual corresponde a *s* latino; ex.: *alçar* (lat. *altiare*), *razão* (lat. *rationem*), *faço* (lat. *facio*), *açafate*, *açafrão*, *refeço*, *açúcar* (arábicos); *paço*, a par de *passo*.

No começo da palavra usa-se *s* por *ç*; ex.: *sapato*.

Em fim de palavra escreve-se *z* e não *ç*; ex.: *vez* (lat. *uicem*), diferente de *vês* (lat. *uides*), *arroz* (arábico).

11. *ch*: Emprega-se como inicial e medial, e nunca como final. Na pronúncia do idioma culto, e bem assim nos vernáculos meridionais, confunde-se no valor há mais de dois séculos com o *x* inicial, do qual se diferencia

pela origem. Corresponde o *ch*, em geral, a *cl*, *fl*, *pl*, latinos, e a *ch* francês nas palavras desta proveniência. ex.: *chave* (lat. *clauem*), *chama* (lat. *flamma*), *chuva* (lat. *pluuia*), *chapéu* (fr. *chapeau*). Corresponde a *ll* e a *ch* castelhanos.

O *ch* com valor de *k* é substituído por *qu* antes de *e*, *i*, e por *c* em qualquer outra situação; ex.: *monarca*, *monarquía*, *querubim*, *côro*, *cloro*, *corografia*, *catecúmeno*, *crisol*.

12. *c*: Esta letra emprega-se antes de *a*, *o*, *u*, consoante, ou como final, rara; ex.: *cá*, *côr*, *cume*, *claro*, *cravo*, *fucção*, *Abimélec*, etc.

13. Antes de *e*, *i*, é substituída por *qu*; ex.: *sequeiro*, *ressequido*, de *sêco*. É mudo o *c* actualmente em muitos vocábulos em que antes se proferia, e conserva-se quando *a*, *e*, *o* precedentes permanecem abertos, e por analogia ainda mesmo que essas vogais sejam tónicas; ex.: *secção*, *acção*, *activo*, *acto*; *espectáculo*, *espectador*; mas *autor*, *junção*, *junto*, *sanção*, *santo*, etc.

14. *e*: Designa em sílabas átonas e surdo; ex.: *se*, *de*, *me*, *te*, *lhe(s)*, *secar*, *remediar*, *lume*, *úbere*, *cadáveres*, etc.

Vale por *i* átono antes de vogal, ou de consoante palatal; ex.: *fealdade*, *teatro*, *beato*, *teor*, *areiro*, *feíssimo*, *conteúdo*; *fechar*, *telhal*, *lenhador*, *desejar*. Cumpre recorrer à etimologia do vocábulo, ou a uma forma primitiva dêle, em que o *e* seja tónico, para assim o diferenciar de *i*; *fealdade*, de *feio*; *areiro*, de *areia*; *fechar*, de *fecho*; *telhal*, de *telha*; *lenhador* de *lenha*; *desejar*, de *desejo*; *teatro*, *beato*, *teor*, *conteúdo*, do lat. *theatrum*, *beatum*, *tenere*. Tem também esse valor de *i*, como inicial átona; ex.: *evitar*, *erguer*, *herói*.

15. *e*: vale por *e* aberto, ou por *e* fechado, sendo tónico; ex.: *neve*, *certo*, *der*, *perda*, *ver*; e por *e* aberto ou fechado, átono, *relveiro*, *sável*, *carácter*, *cadáver*, *secção*, *abdómen*.

16. Vale por *ê* no sul do país, antes de consoante palatal e no ditongo *ei*; ex.: *igreja*, *fecho*, *telha*, *senha*, *lei*.

Em várias regiões este *e* é proferido como fechado em tal situação; ex.: *igrêja*, *fêcho*, *têlha*, *sênha*, *lêi*.

17. *é*: Denota o *e* aberto tónico, quando haja de marcar-se a sílaba predominante, isto é, como final, seguido ou não de *s*, e nos esdrúxulos; ex.: *maré(s)*, *cédula*. Marca-se igualmente o acento agudo no *e* quando a sílaba predominante é a penúltima e a palavra não termina em *a(s)*, *e(s)*, *o(s)*, *am*, *em*, e bem assim nos ditongos *éi*, *éu*,

sempre tónicos; ex.: *éter, Vénus, fértil, férteis; céu, escarcéu, papéis*. Sem acento, porém, escreveremos *levam, levem*.

18. *è*: Indica o *e* aberto átono, quando se torne necessário diferenciar homógrafos; ex.: *pègada*, diferente de *pegada*; *prègar*, de *pregar*.

19. *ê*: Designa o *e* fechado tónico, quando seja de regra marcá-lo com acento; ex.: *mercê(s), vê(s), sêmaa, Zêzere, pêssego, concêntrico, Estêvão*, etc.

20. O *e* nasal nunca termina vocábulo no idioma comum, em que é substituído pelo ditongo nasal *em, ens (êi)s*, o qual se acentua quando é tónico final de polissílabos; ex.: *vintêm, vintêns; contêm, contêns; parabêns*.

21. No princípio e meio das palavras o *e* nasal escreve-se com *em* antes de *b, p, m*, e com *en*, em qualquer outra situação; inicial átono profere-se como *im, in*; ex.: *membro, tempo; encher, entrar, encho, entro; entender, entendendo; empregar, emprêgo*.

22. *g*: O *g*, para designar a consoante sonora correspondente ao *c*, escreve-se em qualquer situação, excepto antes de *e, i*; ex.: *gago, glaciário, grade, digno, fragmento*, e raras vezes como final, *Gog, Magog*. Suprime-se quando se não profere; dêste modo, escreveremos: *assinar, Inácio, Inês, aumento*, etc.

Antes de *e, i* acrescenta-se-lhe *u (gu)*; ex.: *seguir, guerra, ligue, aguilhoar*.

Se êsse *u* se profere átono, marca-se com acento grave: *agüentar, argüir, argüente*; se é tónico, com o acento agudo, *argüi*.

23. *ge, gi*: tem o mesmo valor que o *j* e escreve-se em lugar dêste, quando a etimologia ou a analogia o pedem; ex.: *gente, lógica*. Nos derivados de primitivos em *ja, jo, ju* permanece o *j* antes de *e, i*; ex.: *laranja, laranjeira; loja, lojista*.

O *g* etimológico muda-se em *j* antes de *a, o, u*; ex.: *reger, reja, veja; fugir, fujo, fuja*.

24. *h*: É mudo quando inicial, e escreve-se quando a etimologia do vocábulo o justifica; ex.: *homem, humano, herdar*, o portanto *ombro, ontem*, em que a etimologia o não explica; *iate*, e não *hiate*.

O *h* medial desaparece, mesmo nos vocábulos em que

êle como inicial figura; ex.: *desumano, deserdar*, e com maior razão em *inibir, inábil, filarmónica*, em que daria causa a sua presença a errada leitura; outros exemplos são *coibir, sair, compreender, desonra, exhibir*, etc.

25. O *h*, como sinal diacrítico, junta-se a *e, l e n* para designar os sons que as palavras seguintes exemplificam: *chave, frecha, selha, moinho*.

26. O *h*, depois de *t, r* ou *c* com o valor de *k* é proscrito; dêste modo escreveremos *teatro, retórica, corografia*. Suprimido é igualmente o *h* final, como em *Sara, raja* ou *rajá*, e só se admite em tal situação nas interjeições, como *ah! oh!*, etc.

27. *i*: Emprega-se como átono, e como tónico; ex.: *finíssimo, quasi, virar, vira*, etc.

28. Numa série de sílabas, cuja vogal seja sempre *i*, o o vocábulo não seja imperfeito ou condicional de verbo, superlativo, ou diminutivo, sómente o último *i* conserva, em geral, na pronúncia desafectada, o seu valor; os mais que o precedem proferem-se como *e* mudo, se a consoante seguinte não é palatal (*x, j, lh, nh, s* + consoante); ex.: *dividir, dividia, dividiria*, que se pronunciam *devedir, devedia, devediria*; *ministro*, que se pronuncia *menistro*; *ministério*, que se pronuncia *menistério*; *militar*, que se pronuncia *melitar*. Para se evitarem erros de ortografia, é preciso atender á etimologia dos vocábulos, e, quando possível, a uma forma em que o *i* seja tónico, como em *divide*.

29. Há dois prefixos de valor diferente, que cumpre diversificar na escrita: *des-* e *dis-*. O primeiro é negativo ou privativo, como em *desfazer, destingir, destinto*; o segundo distributivo, como em *dispersar, distinguir, distinto, disjungir, discernimento, disturbio*, etc.

30. *i*: Designa o *i* tónico, quando as regras de acentuação gráfica exijam a marcação; ex.: *frígido, Vitor, físsil, difícil, difíceis, fugieis, tinheis, fugiríamos, fugireis, fugiríeis*, etc.

31. Com acento agudo se marca o *i* tónico que não forma ditongo com a vogal anterior; ex.: *sáida, saí, aí, país, países, raízes*.

Antes de *nh, nd, mb*, pode dispensar-se o acento; ex.: *rainha, ainda, Coimbra*, ou *rainha, ainda, Coimbra*; pode também dispensar-se antes de consoante final que não seja *s*; ex.: *raiz, sair*; mas *raízes, saíres*, porque o *z* e o *r* pertencem a outra sílaba.

32. *í*: Quando o *i* que não forma ditongo com a vogal

antecedente é átono, pode marcar-se com o acênto grave; ex.: *saímento, proibir, paisagem*.

33. O *i* nasal escreve-se com *im* antes de *b, p, m*, ou quando final, *in* em qualquer outra situação; ex.: *limbo, limpar, fim, fins, findar, afinco, linfa, ninfa*, etc.

34. *j*: O *j* escreve-se antes de *a, o, u, e, i*, e antes destas duas últimas vogais, quando a etimologia não justifica o emprêgo de *g*; ex.: *já, jóia, júbilo; veja, vejo; lojista, laranjeira, arranjar, arranje; Jerusalém, Jesus*.

35. *m*: Além do seu valor como inicial, ex.: *mal, tomar*, etc., o *m* designa as vogais nasais finais *im, om, um*, por exemplo, em *marfim, som, jejum*, e o ditongo nasal *em*, como em *cecêm, bem, devem, margem*. O *m* muda-se em *n* ao acrescentar-se *s*; ex.: *marfins, sons, jejuns, cecêns, bens, margens*.

36. *m*: Expressa com *a (am)* o ditongo *ão* átono de formas verbais; ex.: *louvam, louvaram*.

37. *m*: Denota qualquer vogal nasal inicial ou medial antes de *b, p, m*; ex.: *embora, empada, emmalar, bambo, êmbolo, campo, sempre, limpo, comprar, sumptuoso*.

38. *n*: Além do seu valor como inicial de sílaba, como em *nau, neve, nitro, nove, nuvem, cana, pena, bonito, nono, canudo*, etc., designa as vogais nasais, quando está seguido de consoante que não seja *b, p, m*, ou a vogal não é final de vocábulo; ex.: *lança, lenço, cinto, onça, funcho, fins, sons, jejuns*. Com *e* designa também o ditongo nasal *êi*, quando se lhe segue *s* final; ex.: *nucens, armazêns, tens, bens*.

39. *nn*: Emprega-se no prefixo *en*, antes de *n* do vocábulo a que se junta; ex.: *ennodoar, de nódoa, ennastrar, de nastro*.

40. *nh*: Denota unicamente a nasal palatal que se observa em *manhã, lenha, linho, vergonha, pezunho*; e consequentemente escrever-se há *inábil, inumano, inibir*, sem *h*.

41. *o*: Esta letra tem os seguintes valores.

Átona vale por *u*; ex.: *lado, dolo, faro, proteger, comum, fortuna*. A escolha entre *o* e *u*, para expressar êste som, depende da origem; assim escreve-se *formosura*, de *formoso*, de *forma*; *portaria*, de *porta*; *monumento* (do lat. *monumentum*); *governo* (do lat. *pop.*

gubernum, lit. gūbernum); *rotunda* (lat. rotunda); *goraz* (lat. uoracem); etc.

42. *o*: Expressa o *o* aberto, como em *toca*, *volta*, *poste*, etc., quando é tónico, e átono em certas condições, como *adoptar*, *nocturno*, isto é, seguido de *p* ou *c* na mesma sílaba, quer essas consoantes se profiram, como em *optar*, *coecção*, quer sejam mudas.

43. *o*: Designa o fechado tónico, como em *bolo*, *boca*, ou átono como em *horível*, *cânon*, e o átono antes de *l*, como em *voltar*, *soldado*.

44. *ó*: Denota o *o* aberto, quando a acentuação gráfica é de regra; ex.: *avó*, *hipódromo*, *órfão(s)*, *sós*, *vós*, *móvel*, *móveis*, *móbil*, *cómodo*, etc.

45. *ò*: Serve para designar o aberto átono em homógrafos, como *mólhada*, diferente de *molhada*, e ainda para expressar o acento secundário de palavras que tenham dois, como *pòzinho*, *sòzinho*, etc.

46. *ô*: Designa o *o* fechado tónico, quando as regras de acentuação gráfica o exigiam; ex.: *avô(s)*, *côr* (cf. *cor*), *pôde* (cf. *pode*), *sôbre* (cf. *sobre*), *fôrma* (cf. *forma*), *lôgro* (cf. *logro*), *lôbrego*, *sôfrego*.

47. Cumpre não confundir na escrita o fechado com o ditongo *ou*, que se mantém distinto nos falares provinciais; assim *osso* substantivo escrever-se há com *o*, mas *ouço* verbo, com *ou*.

48. *ou*: Este ditongo tem por origem *au* arábico, como em *açougue*, *au* latino, como em *ouro*, *oc*, *ap*, *al*, latinos, como em *noute*, *toutiço*, *outeiro*. Em geral alterna com o ditongo *oi*, sendo licito, em grande número de vocábulos, empregar-se um ou o outro.

49. *õ*: Esta letra usa-se unicamente no ditongo nasal *õe*, como *põe(s)*, *lições*. O *o* nasal, fora deste caso único, é escrito com *om*, se é final ou está antes de *b*, *p*, *m*, e com *on* em qualquer outra condição; ex.: *som*, *romper*, *rombo*, *emmolhar*; *sons*, *contar*, *confiar*, *conchegar*, *esponja*, *fonte*, *bondade*, *côncio*, *Ónfale*, etc.

50. *p*: Esta letra não se duplica. Conserva-se o *p* mudo depois das vogais *a*, *e*, *o* átonas, quando essas vogais permanecem abertas, como em *adopção*, *recepção*, *exceptuar*. Conserva-se ainda o *p*, se essas vogais são tónicas, em vocábulos aparentados, como *excepto*, *adopto*. Depois de outra qualquer vogal suprime-se o *p* etimológico, se não é proferido; ex.: *pronto*, *assunto*, *assunção*, *cinto*.



51. O *ph* etimológico é em todas as circunstâncias substituído por *f*; ex.: *física, tifo, filtro, profeta*.

52. *qu*: A letra *q* é sempre seguida de *u*, o qual é marcado com acento grave (*â*) antes de *e*, *i*, se é proferido; ex.: *quenta, quinta; frequência, equestre, equidade*. Antes de *a*, *o*, *u*, se o *u* de *qu* é mudo, substitui-se este grupo por *c*; ex.: *catorze*, de quatordecim, como *caçerno*, de quaternum; *cota*, de quota, como *licor*, de liquorem. Se o *u* é proferido antes de *a*, *o*, *u*, conserva-se o grupo *qu*, sem acento no *u*; *quatro, aguoso*.

53. *r*, *rr*: o *r* forte escreve-se com *r* simples quando é inicial de palavra, ou de sílaba depois de consoante; ex.: *rã, ré, rio, rol, rumo, honra, pilriteiro, Israel*, etc. Entre vogais duplica-se; ex.: *carrada, carreta, carril, carro, arrumar, farrusca*.

54. Quando a um vocábulo começado por *r* se acrescenta um prefixo terminado em vogal, dobra-se o *r*, por ficar entre vogais, para se lhe manter o valor de inicial; ex.: *arrasar*, de *raso*; *arrostar*, de *rosto*; *prorrogar*, de *rogar*; *corroer*, de *roer*.

55. O *r* brando, que sómente se manifesta em fim de sílaba, ou entre vogais, ou depois de consoante pertencente à mesma sílaba, escreve-se com *r* simples; ex.: *dar, pôr, ver, vir, virtude, verdade, vórtice, louvar, dever, punir; cravo, fresco, frêgir, cristal, frustrar; cara, fera, lira, amora, parada, sereno, sarilho, caroço, caruma*.

56. O *s* surdo assim se escreve como inicial de palavra, ou depois de consoante, se é inicial de sílaba; ex.: *saco, sé, sirga, só, sul, ânsia, falso, farsa, lapso, psicologia, absorver*. Inicial antes de *e*, *i*, e depois da consoante, nas mesmas condições, alterna com *ce*, *ci*, e sómente a etimologia dos vocábulos, ou um vocabulário, ensinam a verdadeira escrita. O *s* corresponde a *s* latino, o *c(e)*, *c(i)* a *ti*, *ci* latinos, e a *ss* arábicos; ex.: *sela, silvo, selha, persistir, canseira, alicerce, Alcácer*, etc.

57. Entre vogais o *s* surdo duplica-se, *ss*, e neste caso alterna com *ç* cedilhado, e com *ce*, *ci*, nas mesmas circunstâncias de proveniência dos vocábulos; ex.: *assar, assente, assíduo, posso, assumir, sossêgo, passo*, de *passum* (cf. *paço*, de *palatium*), etc.

58. O *s* sonoro só se manifesta entre vogais, usualmente, e nesta posição alterna com *z*, correspondendo po-

rêm sempre a *s* latino; ex.: *casa*, *César*, *mês(es)*, *residir*, *formoso*, *uso*. Conquanto depois de consoante, o *s* é sonoro no prefixo *trans-* seguido de vogal, como em *transeunte*, *transacção*, em *obséquio* e seus derivados, e num ou noutro vocábulo, precedido de consoante sonora.

59. Há duas terminações de substantivos que não devem confundir-se: *-eza*, do lat. *-itia*, e *-esa*, do lat. *-ensa*; é esta que se escreve com *s*, como em *defesa*, *davesa*, *presa*, *despesa*, *portuguesa*, etc. Semelhantemente, escreveremos *asa*, do lat. *ansa*, *brusa*, em castelhano *brasa*.

60. Quando a um radical, ou a um vocábulo, começados por *s*, se acrescenta um prefixo terminado em vogal, duplica-se o *s* se êle se profere surdo, escreve-se simples, se é pronunciado sonoro; ex.: *assistir*, *assombrar*, *assumir*, *ressurgir*, *presentir*; mas *residir*, *presente*, *resumir*, *resignação*, *presunção*, etc.

61. O *s* final de sílaba, seja como for proferido, escreve-se com *s*; ex.: *custa*, *cesta*, *resma*, *abismo*, *hóspede*, *fresco*, *balaústre*, *lustre*, *musgo*.

62. O *s* final de sílaba, em monossílabos e em polissílabos que tenham como predominante a última sílaba, alterna com *z*, correspondendo porém sempre a *s* latino, e permanece ainda quando, pela derivação ou flexão do vocábulo, se lhe acrescenta uma sílaba, de que fica sendo inicial; ex.: *português*, *portuguesa*, *portugueses*, *cortês*, *corteses*, *cortesia*, *atrás*, *vês* (verbo), *vós*, *nós* (pronomes), *pus* (substantivo e verbo), *pôs* (verbo), *pós* (substantivo), *pusera*, *puser*, *pusesse*, etc. Em um único vocábulo arábico, *rês*, é o *s* final árabe representado por *s*, como em castelhano (*res*).

A consulta a vocabulário é indispensável e muito favorece o acêrto na escrita a comparação com as correspondentes formas castelhanas.

63. O *s* inicial surdo é seguido de *c* nos seguintes vocábulos e seus derivados: *scena*, *scetro*, *scéptico*, *scelerado*, *soiente*, *scisma*, *sciútila*, *scisso*, *scisão*, *scissura*, *scissiparo*, *sciático*, e um ou outro mais, pouco usados.

64. *t*: o *t* nunca se duplica, expressa constantemente o mesmo som, e substitui em todos os casos o *th* etimológico; ex.: *ter*, *atitude*, *meter*, *teto*; *teatro*, *patológico*, *simpatia*, *etnografia*, etc.

65. *u*: Esta letra expressa sempre o mesmo som, mais ou menos atenuado antes e depois de vogal, como ele-

mento fraco dos ditongos; ex.: *tu, pueril, auto*. Antes de vogal alterna, átono, com *o* nas mesmas condições e só a analogia e a etimologia dos vocábulos decidem da escrita correcta; ex.: *suar* (e *soar*), *nuar, ruina*, etc. Depois de consoantes alterna igualmente com *o* átono; ex.: *mural* de *muro*, a par de *moral* do lat. *mores*; *tunante*, de *tuna*, *tonante*, lat. *tonantem*.

66. *í*: Representa esta letra acentuada o *u* tónico, quando as regras de acentuação gráfica o exigem; ex.: *único, núncio, saúde, útil, argúí*.

67. *î*: O *u* com acento grave indica não fazer ditongo com a vogal anterior, sendo átono; ex.: *saûdar*. Designa também o *u* proferido dos grupos *qu, gu*; ex.: *argúir, freqüente*.

68. *x*: Esta letra tem cinco valores no idioma comum e literário; são os seguintes:

1.º Como inicial — *xadrez, caixa*.

2.º Como *ss* — *auxílio, próximo*.

3.º Como *s* — *mixto, Félix*.

4.º Como *cs*; *cx* — *fixo, sexo; córtex, sílex*.

5.º Como (*e*)*is* — *exame, êxito, texto*.

Nas palavras de origem arábica, e quando é inicial, tem sempre o primeiro valor; ex.: *xabouco, axoreu, xarope, elixir; Xerxes, Xenofonte*, etc.

69. Além desta multiplicidade de valores, alterna, com relação ao primeiro, com o grupo *ch*, o qual, como já se disse, representa *cl, fl, pl* latinos; assim, temos: *xá* (rei) e *chá* (planta), *xeque* (regedor) e *cheque* (bilhete de banco), *buxo*, lat. *buxum* (planta), e *bucho*, lat. *musculum* (estômago e músculo).

A consulta ao VOCABULÁRIO é indispensável para o emprego de qualquer destes dois símbolos, actualmente equivalentes no valor.

70. *z*: Como inicial, ou depois de consoante, expressa o mesmo som que se ouve em *zêlo, azeite, zurzir*. Os vocábulos formados com o prefixo *trans-*, e a palavra *obsequio* e seus derivados, todavia, escrevem-se com *s*, que representa *s* latino, como em *transir, trânsito, transacção*.

71. O *z* entre vogais corresponde a *z, a tí e a ce, ci* latinos, como em *baptizar, razão, fazer, vazio*, e nisto se differença do *s* entre vogais que a *s* latino corresponde. Os sufixos *-izar, -izante*, etc., escrevem-se sempre com *z*, como em *anarquizar, judaizante; analisar*, porém, porque pro-

vêm de *análise*, tem *s* e não *z*; *horizonte* *z* e não *s*. Em palavras de origem arábica é *z* e não *s* que se escreve; ex.: *azarola*, *azeite*, *azougue*. O sufixo *-eza*, como proveniente de *-itia* latino, tem *z*; mas das terminações *ansa*, *ensa*, latinas, procedem os vocábulos e as formas *asa*, *defesa*, *presa*, etc.

O recurso ao VOCABULÁRIO é de necessidade para os casos duvidosos, como o é para a hipótese seguinte.

72. O *z* final de palavra cuja última sílaba seja a predominante, bem como o de vários monossilabos, alterna com *s*, e tem o valor dêste no idioma literário e comum.

Deve ter-se em atenção que o *s* corresponde sempre a *s* latino, e o *z* a *c* latino e a *ss* ou *zz* arábicos; assim teremos: *luz*, *voz*, *falar*, *feliz*, *atroz*, *vez*, *capuz*, *faz*, *fêz*, de origem latina, *algoz*, *alcatraz*, *albornoz*, de origem arábica; a única excepção é *rês*, como já se disse.

73. Nos patronímicos as terminações *es*, *s*, conquanto provenientes de *ici* latino, escrever-se hão com *s*, porque na sua maioria o sufixo português é átono; ex.: *Rodrigues*, *Nunes*, *Gonçalves*; *Dias*; *Martins*, *Miguéis*; etc. Semelhantemente, é substituído por *s* um antigo *z* final de sílaba, como em *mesquinho*, *mesquita*, *visconde*, etc.

74. *k*, *w*, *y*. Estas tres letras, proscritas do abecedário português, sómente são admitidas na escrita de vocábulos estrangeiros, como *Kant*, *Darwin*, *Byron*, e nos seus derivados portugueses, como *kantismo*, *darwinismo*, *byroniano*, que podem todavia ser escritos *cantismo*, *darwinismo*, *batroniano*.

75. Escrever-se hão iniciais maiúsculas em meio de períodos ou orações gramaticais, nos seguintes casos:

- a) Nomes próprios de pessoas ou lugares, ruas, etc.;
- b) Nomes colectivos designando cargos, em substituição das pessoas que os desempenham; ex.: *Estado*, *Govêrno*, *Companhia das Águas*, *Centro Comercial*, *Patriarcado*, *Cária*, etc.;
- c) Individualidades que exercem importantes cargos: *Ministro da Marinha*, *Presidente*, *Juiz*, etc.;
- d) Repartições públicas: *Direcção Geral das Colónias*, *Ministério da Guerra*, etc.;
- e) Nomes de astros, divindades: *Vénus*, *Terra*, *Sol*, etc.;
- f) Nomes dos meses, nas datas;
- g) Títulos de livros, excepto as particulas monossilábicas, que se escreverão com minúsculas.

## 76. Hifen (-).

Este sinal prende os vocábulos compostos, quando os seus elementos, conservando a acentuação própria, perdem em parte a sua significação primordial; ex.: *mãe d'agua, porta-bandeira, água-forte, franco russo, madre-pérola*, etc.

77. O hifen une também os pronomes complementos átonos aos verbos de que dependem, quando são colocados depois dêstes; ex.: *dou te, dou-to, dá-mo, louvá-lo, louva-lo, louvam no, louva-o, tenho-o, tem-lo, tem no, dácamo-vo-lo, deram-se, deu se-lhes*, etc.

78. Quando, em fim de linha, se parte um vocábulo inteiro, parte-se igualmente o hifen, isto é, repete-se na linha seguinte, se unia os elementos de uma dição composta; ex.: *porta-/voz, dou-/to*.

79. O hifen (-), com o nome de linha divisória, divide, de uma para outra linha, as sílabas de uma palavra; ex.: *pas-/ta, do-/res, ve-/zes, parti-/cular, di-/gnidade, subs-/tância*.

## 80. Pontos de interrogação (?) e exclamação (!).

A imitação da ortografia espanhola, é conveniente assinalar com êstes pontos o principio de uma oração interrogativa ou exclamativa, invertendo-os, todas as vezes que ela excede quatro ou cinco palavras, para que essa oração seja logo devidamente entoada; ex.: *Quando soubeste que a tua família chegava de fora hoje?*

## 81. Acentuação gráfica.

A rigorosa acentuação gráfica das palavras portuguezas deve satisfazer às condições seguintes:

1.<sup>a</sup> Indicar, com a maior segurança para quem lê, quais são os vocábulos átonos e quais os tónicos, e nestes qual seja a sílaba predominante, quando tenham mais de uma;

2.<sup>a</sup> Diferençar entre si vocábulos que se escrevem com as mesmas letras, mas divergem na pronúncia e na significação, ou função gramatical.

82. Os vocábulos portuguezes são: de uma sílaba, monossílabos; de duas, dissílabos; de mais de duas, polissílabos; ex.: *pá, pára, paradá*.

83. Há nos monossílabos e dissílabos vocábulos tónicos, *dá, pára*, e vocábulos átonos, *da, para*.

84. Os dissílabos tónicos podem ter como sílaba predominante a primeira, *mares*, ou a segunda, *marés*; os polissílabos podem ter como predominante a última, *falará*,

a penúltima, *falara*, ou antepenúltima, *faláramos*. Os vocábulo cuja última sílaba é a predominante denominam-se agudos ou oxítonos; se a sílaba predominante é a penúltima, dizem-se graves, inteiros, ou paroxítonos; se a predominante é antepenúltima, recebem o nome de esdrúxulos, ou proparoxítonos.

85. Nenhum vocábulo português, de per si, pode ter como sílaba predominante qualquer outra antes da antepenúltima, conquanto haja dições formadas por linguagens verbais acompanhadas de pronomes, a elas unidos por hífen (-), em que a sílaba predominante, que é a da forma verbal, fica sendo a quarta ou a quinta a contar do fim; ex.: *dávamos-to*, *dávamo-vo-lo*. Tais dições em nada modificam na escrita a acentuação gráfica da forma verbal, a qual permanece.

86. A sílaba tónica, quando se torna necessário indicá-la na escrita, assinala-se com o acento agudo (´) sôbre a vogal dominante dela, se esta é *a*, *e*, *o* abertos, *i* ou *u*; com o acento circunflexo (ˆ), se é *a*, *e*, *o* fechados. O til vale por acento tónico, se outro não está marcado no vocábulo; ex.: *fará*, *maré*, *portaló*, *difícil*, *útil*; *câmara*, *mercê*, *avô*, *ânsia*, *indulgência*, *brônzeo*, *fimbria*, *núncio*; *varão*, *maçã*, *capitães*; *órgão*, *órfã*; *municipe*.

87. Outro acento, o grave (`), serve para designar, quando seja necessário ou conveniente à correcta pronunção de um vocábulo ou forma verbal, o valor alfabético de qualquer das vogais *a*, *e*, *o*, *i*, *u*, independentemente de serem tónicas, e principalmente quando o não são; ex.: *à*, *pêgada*, *môlhada*, *faiscar*, *saúdar*.

88. Estabelecidas estas premissas, pode preceituar-se uma rigorosa acentuação gráfica, inteiramente sistemática, a qual, sem ser profusa ou ociosa, deixe bem patentes os factos apontados, quer seja expressa, quer omissa a sua notação.

#### 89. Vocábulo não acentuados gráficamente.

a) Monossílabos e dissílabos átonos: *o(s)*, *a(s)*, *lo(s)*, *la(s)*, *no(s)*, *na(s)*, *do(s)*, *da(s)*, *ao(s)*, *pelo(s)*, *pela(s)*, *polo(s)*, *pola(s)*, *me*, *mo(s)*, *ma(s)*, *te*, *to(s)*, *ta(s)*, *lhe(s)*, *nos*, *no-lo(s)*, *no-la(s)*, *vo-lo(s)*, *vo-la(s)*, *lho(s)*, *lha(s)*; *se*, *de*, *por*, *sem*, *sob*, *com*, *mas*, *que*, *porque*, *tam* (abreviatura de *tanto*), *sam* (abreviatura de *santo*), etc.

b) Monossílabos tónicos terminados em *em*, *ens*: *bem*, *beas*, *tem*, *tens*, *cem*.

c) Formas verbais em *am*, *em*, com a penúltima sílaba como predominante, e substantivos dissilábicos e polissilábicos em *em*, *ens*, nas mesmas condições: *louvam*, *louvaram*, *louvem*, *contem* (do verbo *contar*); *viagem*, *viagens*, *ferrugem*, *ferrugens*, etc.

d) Monossílabos e dissílabos tónicos, e polissílabos, terminados em *i*, *u*, vogal nasal, ditongo, seguidos, ou não, de *s*, e os terminados em outra qualquer consoante, todos êles oxítonos: *vi(s)*, *javalí(s)*, *cru(s)*, *peru(s)*, *lã(s)*, *maçã(s)*, *sai(s)*, *arraís*, *mau(s)*, *sarau(s)*; *som*, *sons*, *atum*, *atuns*; *mar*, *der*, *ser*, *dor*, *mal*, *canal*, *painel*, *funil*, *farol*, *azul*; *mão(s)*, *varão*, *varões*, *cruz*, *Artur*, etc.

e) Os dissílabos e polissílabos terminados em (*as*), *e(s)*, *o(s)*, cuja penúltima sílaba seja a predominante; ex.: *casa(s)*, *camada(s)*, *camarada(s)*, *trave(s)*, *parede(s)*, *vicissitude(s)*, *desaire(s)*, *modo(s)*, *devoto(s)*, *lume(s)*, etc.

Estas espécies compreendem a maioria dos vocábulos portugueses, incluindo-se também nelas as mais das formas verbais, como *louvo*, *louva(s)*, *louve(s)*, *louvava(s)*, *louvara(s)*, *louvaria(s)*, *louvares*, *louvarei(s)*.

90. Vocábulos acentuados gráficamente, *cantar*, *cantai*, *fazer*, *fazei*, *fazendo sentir*, *sentirão*, *sentis*, etc.

a) Monossílabos, dissílabos e polissílabos terminados em *a(s)*, *e(s)* e *o(s)*, como sílaba predominante, isto é, agudos, oxítonos; ex.: *pá(s)*, *sé(s)*, *vê(s)*, *mês*, *pó(s)*, *pós*, *fará(s)*, *maré(s)*, *mercê(s)*, *avó(s)*, *avô(s)*, *alcará(s)*, *jacaré(s)*, *português*, *portaló(s)*, etc.

b) Dissílabos e polissílabos terminados em *em*, *ens*, cuja sílaba predominante seja a última; ex.: *vintém*, *armazém*, *vintêns*, *armazêns*, *contém*, *contêns* (do verbo *conter*), *porêm*, *Jerusalém*, *Belém*, etc.

c) Dissílabos e polissílabos terminados em *i*, *u*, vogal nasal, ditongo, seguidos, ou não, de *s*, ou em outra qualquer consoante, quando a sílaba predominante seja a penúltima; ex.: *quáisi*, *Vênus*, *órfã(s)*, *órfão(s)*, *louváveis*, *louváveis*, *fácil*, *fáceis*, *têxtil*, *têxteis*, *cônsul*, *sável*, *sáveis*, *cadáver*, *éter*, *mártir*, *sóror*, *alcáçar*, *Sófar*, *açúcar*, *gérmen*, *líquen*, *Félix*, *córtex*, *sílex*, etc.

d) Os ditongos, sempre tónicos, *éi*, *éu*, *ói*, com *e*, *o* abertos; ex.: *reís*, *batéis* (cf. *reis*, *bateis*), *véu(s)*, *chapéu(s)*, *sóis* (cf. *sois*, verbo), *roís*, *herói(s)*, *joia*, *gibóia*, etc.

e) O *a* da terminação *-amos* da 1.<sup>a</sup> pessoa do plural do pretérito, para a diferenciar de igual pessoa do presente; ex.: *louvámos* (cf. *louvamos* = *louvâmos*).

f) Os seguintes monossílabos e dissílabos tónicos, para se diferenciarem de outros homógrafos átonos: *quê*, *porquê*, *pôr* (cf. *por* preposição), *pára* (cf. *para*, preposição); *pêra* (cf. *pera*, *p'ra*, preposição), *pêla*, *pêlo*, *pêlo* (cf. *pelo*, *pela*, preposição *per* e artigo *lo*, *la*), *pólo* (cf. *polo*, preposição *por* e artigo *lo*).

g) Todos os vocábulos esdrúxulos, isto é, que tenham como sílaba predominante a antepenúltima; ex.: *prática*; *ânimo*, *ânsia*; *férvido*, *género*, *gémeo*, *génio*; *pêssego*, *fêmea*, *concêntrico*; *tísico*, *tirocínio*, *fimbria*; *próximo*, *próprio*, *antimónio*; *lóbrego*, *brônzeo*; *úbere*, *lúgubre*, *único*, *núncio*; *cadáveres*, *árvore(s)*, *múltiplice(s)*, *múltiplo(s)*, *quádruplo(s)*, etc.

Assim também as formas verbais esdrúxulas, tais como *louvávamos*, *louváramos*, *louvaríamos*, *devíamos*, *devêramos*, *deveríamos*, *puniámos*, *puníramos*, *puniríamos*, *louvássemos*, *devêssemos*, *puníssemos*, *saissemos*, *fizéssemos*, etc.

h) Marcam-se com o acento circunflexo os *ee* e *oo* fechados de vocábulos paroxítonos terminados em *a(s)*, *e(s)*, *o(s)* fechados, quando haja outros, escritos com as mesmas letras, em que essas vogais sejam abertas; ex.: *rêgo*, *rôgo*, substantivos, a par de *rego*, *rogo*, verbos; *dêmos*, presente, a par de *demos*, preterito, *sêde*, *côrte*, *côr*, *mêdo*, a par de *sede*, *corte*, *cor*, *medo*, com *e*, *o* abertos, etc.

i) Marcam-se com o acento agudo (´) o *i* e o *u* que não formem ditongo com a vogal anterior; ex.: *país*, *sáida*, *faisca*, *Taigeto*, *saúde*, *balaiastre*, *baú*, etc.

j) Se o *i* ou *u*, que não forma ditongo com a vogal precedente, é átono, em vez do acento agudo, usa-se o grave (˘); ex.: *saímento*, *paísagem*, *saúdar*, *abaúlado*;

l) O acento grave designa também o *u* dos grupos *qu*, *gu*, se é proferido; ex.: *conseqüência*, *agüentar*, *argüir*. Muda-se em agudo se êsse *u* é a vogal predominante, *argüi*; cf. *argüi*, pretérito;

m) Emprega-se igualmente o acento grave para denotar que *a*, *e*, *o* átonos são abertos, quando haja homógrafos, em que êles sejam surdos; ex.: *â*, e *a*; *àquêlé(s)*, *àquela(s)*, e *aquêlé(s)*, *aquela(s)*; *àparte*, substantivo, e *aparte*, verbo; *prêgar*, e *pregar*, de *prego*; *môlhada*, de *molho*, e *molhada*, de *molhar*.

91. O acento distintivo (^), que assinala as vogais fechadas *ê*, *ô*, só tem aplicação, tanto nos monossílabos, como nos dissílabos ou polissílabos, se existe homógrafo, isto é, vocábulo escrito com as mesmas letras, de que



baja de diferenciar-se; pode portanto omitir-se em *dor*, *poço*, *cera*, por exemplo, porque não existem as palavras *dór*, *céra*, e *póss*, verbo, já se diferencia de *poço* em escrever-se com *ss*.

92. Semelhantemente, a acentuação gráfica omite-se logo que, pela flexão dos vocábulos, deixam de existir as condições que a determinaram. Dêste modo, se temos de acentuar graficamente *sêco*, *sêca*, *lôgro* para os diferenciar das correspondentes formas verbais *seco*, *seca*, *logro*, com *e*, *o* abertos, a acentuação torna-se inútil no plural daqueles nomes masculinos, *secos*, *logros*, mas terá de manter-se em *sêcas*, em razão da forma verbal *secas*. Assim, também, escreveremos *caidoso(s)*, *vaidosa(s)*, sem sinal de acento no *o* da penúltima sílaba, conquanto a pronúncia seja *vaidôso*, *vaidôsos*, *vaidôsa(s)*. Outro tanto sucederá com relação ao *o* aberto de vários substantivos no plural, correspondente a *o* fechado no singular; assim teremos *tejolo* (*tejólo*), *tejolos* (*tejólos*), sem acento gráfico, mas *trôco*, *trocos*, e *troco*, verbo.

As palavras *espôso*, *espôsa(s)*, terão acento marcado, em virtude de existirem as formas verbais *esposa*, *esposa(s)*, com *o* aberto; mas o plural *esposos* dispensa a acentuação por não haver homógrafo a diferenciar. Escreveremos *pôr*, com acento circunflexo, para o diferenciar de *por*, preposição; porém *dispor*, *propor*, *expor*, etc., ortografam-se sem acento distintivo; *português*, *cortês* tem o acento circunflexo no *e* por êste pertencer à última sílaba, predominante; em *portugueses*, *portuguesa(s)*, *cortes* omite-se o acento por ser desnecessário, visto os vocábulos haverem passado de oxítonos a paroxítonos em *-esa(s)*, *-ese(s)*.

Por outra parte, *árvore(s)* terá acento marcado, por ser esdrúxulo, *arvore(s)*, verbo, não o tem por ser paroxítono em *e(s)*.

93. A conjugação de um imperfeito ou condicional de verbo, como *louvaria*, *deveria*, *puniria*, *louvava*, *devia*, *punia*, receberá acento nas formas esdrúxulas *louvaríamos*, *louvávamos*, *deveríamos*, *devíamos*, *puniríamos*, e nas paroxítonas terminadas em ditongo, *louváreis*, *louvaríeis*, *devíeis*, *deveríeis*, *puníeis*, *puniríeis*; mas *saía* tê-lo há em todas as pessoas do imperfeito, *saía*, *saías*, *saía*, *saíamos*, *saíeis*, *saíam*, porque o *i* não forma ditongo com o *a* que o precede.

94. Os nomes próprios acentuam-se graficamente como os nomes comuns; assim escreveremos *Pôrto*, como *pôrto*, diferenciado de *porto*, verbo; *Setúbal*, *Pontével*, *Pedrogão*, *António*, *Tomás*, *Tomé*, *Nazaré*, *Belém*, *Agueda*, etc.

É em virtude desta regra que teremos de acentuar a forma verbal *lêmos*, para que se diferencie de *Lemos*, na escrita, como se diferença na pronúncia.

95. Os vocábulos compostos cujos elementos são unidos por hífen (-) conservam os seus acentos gráficos; ex.: *mãe-d'agua*, *pára-raios*, *pesa-papéis*.

O mesmo se observará com os advérbios formados com o sufixo *-mente*, dantes independente, como substantivo que era, o que ainda se reconhece na locução *de boa mente*; ex.: *sómente*, *cortêsmemente*, *rápidamente*, *crístãmente*.

96. Nos vocábulos derivados, aumentativos e diminutivos formados com o infixo *z*, o acento agudo converte-se em acento grave, para que se evitem leituras errôneas; ex.: *má*, *mázinha*, *mâzona*; *avó*, *avòzinha*.

97. Na escrita comum parte desta acentuação rigorosa e sistemática poderá, em algumas das suas minúcias, ser dispensada; não porêm em livros didácticos, como gramáticas, dicionários, compêndios de qualquer natureza que sejam, nos quais por todas as razões, mas principalmente para que se não difundam e propaguem erros na pronúncia, convêm que seja fielmente aplicada; podendo mesmo ser ampliada com a marcação, mediante o acento circunflexo, de todos os *ee* e *oo* fechados tónicos. Em qualquer caso, todavia, cumpre que outros sistemas arbitrários não substituam esta acentuação gráfica, metódica e harmónica, prejudicando-a na sua coerência e regularidade, a qual se baseia no exame escrupuloso dos factos.

A Comissão termina esta exposição expressando o voto de que, se merecer aprovação o sistema proposto, êle se propague por meio de cartilhas e gramáticas, que minuciosamente o exemplifiquem, independentemente do VOCABULÁRIO.

Direcção Geral da Instrução Secundária, Superior e Especial, 23 de Agosto de 1911. — *Francisco Adolfo Coelho*, Presidente. — *José Leite de Vasconcelos*, Vogal. — *Cândido de Figueiredo*, Vogal. — *Manuel Borges Graíña*, Vogal. — *Aniceto dos Reis Gonçalves Viçã*, Relator. — *José Joaquim Nunes*, Secretário.